

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 117 / ABRIL, 1999 / Nº 2.041

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:
feb@febrasil.org.br

Editorial – O Livro Espírita	2
O Poder dos Fatos e das Idéias – Juvanir Borges de Souza	3
O Espiritismo Primitivo – Washington Luiz Nogueira Fernandes	7
Livro Estelar – Passos Lírio	8
O Caranguejo – Richard Simonetti	10
Do Espírito de Verdade – Inaldo Lacerda Lima	13
Editoração Espírita no Brasil: Alguns Subsídios – Geraldo Campetti Sobrinho	16
Expições e Provas – Adésio Alves Machado	20
Conceito Dínamo-Genético da Vida – Carlos Bernardo Loureiro	23
Esflorando o Evangelho - Não te canses – Emmanuel	25
Nas Entrelinhas da História – Gustavo G. Fróes	26
A FEB e o Esperanto –	
V Encontro Espírita Esperantista do Estado do Rio de Janeiro – Affonso Soares	30
“Memórias de um Suicida” em Esperanto	32
Discípulos de Jesus – Gebaldo José de Sousa	33
O Polemista – Iaponan Albuquerque da Silva	35
As Materializações de Uberaba – Zêus Wantuil	37
Vaso Escolhido – Mário Frigéri	41
Não Há Morte – Joanna de Ângelis	42
Cintilações da Verdade – Rogério Coelho	44
A Crucificação – Olavo Bilac	47
Ainda Sobre as Relações Entre as Ciências e o Espiritismo – Parte I –	
Aécio Pereira Chagas	48
Vendas Através de Bazar – Incidência do ICMS	53
A FEB na IX Bienal do Livro	54
Seara Espírita	55

Nota: Ilustram a nossa capa os livros “Espiritismo, Uma Nova Era” e “Das Profecias à Premonição”. No primeiro o autor Richard Simonetti desenvolve os pontos fundamentais do folheto da Campanha da FEB/CFN – “Conheça o Espiritismo. Uma Nova Era para a Humanidade”. No segundo, Carlos B. Loureiro esclarece o significado de profecia e faz um levantamento das profecias e dos profetas mais conhecidos, dentre outras as de João Batista, João Evangelista, Merlin, Joana d’Arc, Leonardo da Vinci e Nostradamus.

Editorial

O Livro Espírita

A simbologia da palavra escrita, essa riqueza acumulada pelas gerações humanas, vem desde eras remotas.

Mas é a partir da invenção da Imprensa, no fim da Idade Média, que as massas humanas foram beneficiadas, em larga escala, pelo livro, tal como o conhecemos hoje.

Até então, os conhecimentos transmitidos através da escrita eram privilégios de poucos iniciados, em virtude da própria escassez dos suportes materiais e dos métodos de reprodução da escrita.

A importância do livro para o homem de todas as latitudes inspirou inúmeros pensadores, filósofos, poetas e escritores a exaltar-lhe a função junto à Humanidade, como nestes versos de Olavo Bilac:

“Pensa, corrige, ensina, experimenta, estuda,
E brilha com Jesus no Evangelho Divino”.

É certo que o livro, como o dinheiro, a palavra, o trabalho e tantos outros valores podem ser utilizados para o bem ou para o mal, na dependência da diretriz que o homem lhes imprima.

Aqui queremos focalizar o lado superior, positivo, sublime que representa o livro a serviço do Bem.

Quando a Doutrina dos Espíritos surgiu no mundo, nos meados do século XIX, o livro e a imprensa eram utilizados em larga escala.

Allan Kardec, o sistematizador da Doutrina, utilizou-os com tanta lucidez e segurança que esses instrumentos se tornaram os grandes suportes não só para o conhecimento como para a divulgação do Espiritismo.

O livro espírita amplia os horizontes do Espírito imortal.

Cumpra, assim, a missão providencial de renovar moralmente as consciências humanas, para a transformação do Mundo.

É através dele, como veículo da idéia espírita em múltiplos desdobramentos, que recebemos as interpretações renovadoras dos ensinamentos do Consolador.

Ele é, assim, quando autenticamente espírita, a expressão da Luz Divina a derramar Amor e Sabedoria entre os homens, inspirando-os e guiando-os, com segurança, em sua ascensão libertadora. ■

O Poder dos Fatos e das Idéias

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Embora o Espiritismo seja pouco conhecido no mundo, constituindo seus adeptos minorias nas diversas nações da América e da Europa, enquanto pequenos núcleos aparecem na África, na Ásia e na Oceania, é inegável sua influência, especialmente através do fenômeno espírita, que se apresenta por toda parte.

É verdade que o fenômeno espírita nem sempre é bem entendido, com explicações da ciência materialista, das religiões e do comum dos homens inteiramente divorciadas da realidade.

Mas a ignorância com relação à natureza dos fenômenos não modifica os fatos, nem lhes impede as conseqüências.

Não há como evitar-se o impacto produzido nas massas humanas pelas sugestões, pela telepatia, pelas curas inexplicáveis pela Medicina, pelos fenômenos de ordem física e intelectual, desafiando o entendimento da ciência oficial.

As mídias interessam-se pela divulgação dos fenômenos, mesmo sem explicação plausível e realista de suas causas.

Escritores produzem obras que se tornam *best-sellers* na literatura mundial, semelhantes às obras da literatura espírita, sem que seus autores conheçam a Doutrina Espírita.

É inegável o interesse despertado nos Estados Unidos e na Inglaterra por uma literatura espiritualista baseada em fatos espíritas, em fenômenos mediúnicos, em curas espirituais, na fenomenologia espírita em geral, sem que seus autores conheçam o Espiritismo.

Em outros países ocorrem fatos semelhantes.

Na Índia os fenômenos mediúnicos são notórios e atraem multidões, com as experiências de médiuns mundialmente reconhecidos como seguidores de religiões e filosofias tradicionais, desconhecedores do Espiritismo, como doutrina.

Cada sociedade, cada raça, cada nacionalidade, cada religião, com suas leis e com seus variados contingentes de idéias, dão origem a culturas diferentes, a formas de fé, de crenças e descrenças, de entendimento da vida, tudo induzindo os indivíduos a se interessarem pelo próprio futuro para o além-túmulo.

As revelações provindas do Além são de todas as épocas e os homens, que também são seres espirituais, interpretaram-nas de diferentes formas, de conformidade com suas idéias, tradições e conhecimento de que dispunham.

A Doutrina dos Espíritos é uma Nova Revelação, com origem na Espiritualidade Superior, que, por desígnio do Alto, veio atender às necessidades de um mundo que já havia alcançado um estágio de desenvolvimento compatível com os novos conhecimentos revelados.

A Nova Revelação tem, entretanto, características especiais. Confirma muitos conhecimentos já de posse da Humanidade, como é exemplo a doutrina da reencarnação ou das vidas sucessivas, e os ensinamentos morais trazidos pelo Cristo, revivendo-os e enfatizando-os como o caminho certo para o aperfeiçoamento e a evolução das almas.

*

De outro lado, a Revelação Espírita inova a conceituação de Deus, como o Criador de todas as coisas, de todos os Universos – a Inteligência Suprema. Assim, modifica completamente a idéia do Deus antropomórfico e do Deus panteísta de antigas religiões que ainda hoje têm supremacia no mundo.

Essa revelação, por si só, terá influência capital no futuro da Humanidade, quando o homem puder entender que o Criador Supremo, Doador da Vida, deve constituir o fundamento e a finalidade de nossas tarefas, atividades e pensamentos.

Mesmo não alcançando Sua grandeza e poder, porque nossa inteligência limitada não pode perceber o infinito, poderemos ajustar nossos impulsos ao Plano Divino, cujas leis já são conhecidas graças aos ensinamentos de Jesus e do Consolador por Ele enviado.

O Espiritismo facilita-nos a percepção, no plano em que nos encontramos, do Espírito Universal que tudo criou. É o Pai, na linguagem do Mestre, que preside a tudo e está presente nos nossos pensamentos e ações, por menor que seja nosso esforço.

Mas Ele não se confunde com sua criação, como quer o panteísmo, nem se limita a ações, criações e pensamentos humanos.

Na impossibilidade de entender o infinito, já compreendemos, entretanto, que Deus é Amor e é através do sentimento que nos comunicamos com Ele, amando-O e amando a Humanidade.

Aceitando nossa condição limitada de seres imperfeitos em demanda da perfeição, não nos cabe a indagação sobre a natureza íntima do Pai, mas compete-nos, sim, viver de conformidade com suas leis já conhecidas, na condição de filhos que O amam e Nele confiam.

Como ensina Emmanuel, “Não possuímos ainda a inteligência suscetível de refletir-Lhe a grandeza, mas trazemos o coração capaz de sentir-Lhe o amor”.

Acreditamos que essas noções que a Doutrina dos Espíritos oferece aos homens de todas as condições sobre a Inteligência Suprema, o Criador de todas as coisas, exercerão forte influência na compreensão da idéia de Deus, nos tempos futuros.

Essa idéia capital, núcleo centralizador de extrema importância para a Humanidade, constituirá, sem dúvida, o ponto de convergência para todas as religiões, filosofias e ciências cultivadas no mundo, uma vez que o progresso, a evolução contínua são um fatalismo da própria lei divina.

*

À renovação da idéia de Deus e à presença da fenomenologia espírita espocando por toda parte, junta-se outro fator de inapreciável importância para que o Espiritismo se firme e exerça sua benéfica influência sobre os homens.

Referimo-nos ao caráter, à índole, à natureza da própria Doutrina, capaz de satisfazer, ao mesmo tempo, aos sentimentos e à razão humana.

Até o advento do Consolador tornou-se notória a incompatibilidade entre os conhecimentos que vão sendo conquistados no campo das ciências e a fé oriunda das religiões que, excluindo a razão, leva ao fanatismo, ao erro, ao radicalismo.

Ciência e religiões colocaram-se em campos opostos, incapazes de uma conciliação. Entretanto, a Nova Revelação veio demonstrar que razão e sentimentos são perfeitamente conciliáveis, ajustáveis, desde que tanto a ciência quanto a religião deixem de lado o exclusivismo, o preconceito e o materialismo, para abraçarem a realidade do espírito, o equilíbrio e a harmonia.

O Espiritismo, unindo a razão e a religião, é a nova força capaz de aglutiná-las, indicando o caminho para a religião científica do futuro.

É evidente que esse caminho será penoso, difícil, trabalhoso, implicando demonstrar os prejuízos dos preconceitos, tanto da ciência quanto das religiões.

Não será fácil eliminar os dogmas criados pelas religiões nem demonstrar a incongruência do materialismo, que domina a ciência oficial.

A lógica da Doutrina Consoladora, fundamentada em fatos e cultivando os sentimentos elevados sintetizados pelo Cristo no Amor, conduz à fraternidade.

Os graves problemas da atualidade e do passado da Humanidade têm origem no egoísmo, no orgulho e na ignorância do homem.

O Espiritismo veio ao mundo, como doutrina superior, justamente para combater essas causas de atraso, de sofrimentos e de incompreensões. Essa é sua finalidade precípua.

Esse objetivo implica reeducação integral do homem.

Reeducar a Humanidade é tarefa para as gerações que se sucedem. É obra para séculos, talvez milênios.

As instituições humanas, através do homem reeducado, refletirão a transformação de um mundo de egoísmo para um mundo regenerado, onde a fraternidade será a base da organização social.

O Espiritismo é a fonte de inspiração para todos os esforços que os homens empregarem para essa preparação de uma nova sociedade humana, mais justa, menos ignorante, menos egoísta.

Para isso, sua preocupação será sempre com o homem, o Espírito imortal, que, por sua vez, aperfeiçoará suas instituições.

Não tem o Espiritismo pretensões de assenhorear-se das instituições humanas, nem de alcançar o poder temporal, os governos.

O que ocorreu com o Cristianismo nos primeiros séculos da Era Cristã, apossando-se do poder temporal, desviou-o de suas finalidades essenciais.

O Espiritismo não deve incorrer no mesmo erro e os espíritas precisam conscientizar-se desse perigo, para evitá-lo. Cumpra a nós, espíritas de hoje e de amanhã, estarmos alertados contra a tentação do poder, do mando, da autocracia. Daí ao autoritarismo é um passo. O que ocorreu e ocorre com as organizações religiosas, inclusive em nossos dias, é suficientemente elucidativo.

Cumpra que os espíritas sinceros estejam atentos para não substituírem o poder moralizador da Doutrina, com todo o seu cabedal de ensinamentos capaz de constituir as elites intelecto-morais, por simples conquistas de poder, como ocorre na atualidade.

É com tristeza que chega ao nosso conhecimento a preocupação de alguns espíritas desavisados com a conquista do poder, mesmo dentro do Movimento Espírita.

Inconformados com a atual organização do movimento, que tem proporcionado a divulgação e a prática da Doutrina – que é o essencial – propõem outra organização, outros métodos, imitando ora os poderes das organizações do mundo, ora os métodos da ciência oficial sob a influência do materialismo.

É um grave engano, que se filia inadvertidamente à busca do poder e não à busca da transformação moral.

A preocupação do espírita, das instituições espíritas e de seu Movimento há que se concentrar no conhecimento da Doutrina, no seu estudo, na sua prática e na sua divulgação.

Se nossas instituições estão correspondendo a esses objetivos essenciais vamos fortalecê-las, revigorá-las, aperfeiçoá-las, dentro dos princípios da Doutrina, sem preocupação de imitar as instituições do mundo.

*

Dentro da globalização que se delinea em todo o orbe, afetando as atividades das nações, atingindo as indústrias, o comércio, a agricultura, a economia, os transportes, as relações entre os Estados e tudo mais, uma grande idéia vai-se firmando dentro dessa enorme confusão. É a generosa idéia espírita, provinda da Espiritualidade Superior, que vem em socorro da Humanidade para lhe proporcionar uma outra concepção de vida, baseada na fraternidade.

Dentro da diversidade das nações, das raças, dos costumes, das tradições, das religiões, e mesmo diante da barreira das paixões e das incompreensões existentes entre grupos e indivíduos já é possível prever-se a paz, a compreensão, a fraternidade, encaminhando as nações e as individualidades para a harmonia e a solidariedade.

Para orientar as aspirações justas de paz e concórdia neste orbe, nele já se encontra a idéia-mater, apoiada nos conhecimentos revelados e nos sentimentos de fraternidade.

O Consolador é essa idéia, na qual se revivem as concepções corretas do passado, conjugadas com as revelações novas do presente, induzindo cada seguidor a cultivar a fé e a esperança, a paciência e a paz, já que as transformações individuais são muitas vezes lentas, dependendo da aplicação de cada um.

Cumpra, porém, não desanimar. ●

O Espiritismo Primitivo

WASHINGTON LUIZ NOGUEIRA FERNANDES

Muito conhecidas as atividades do *Cristianismo Primitivo*, caracterizadas principalmente pelos primeiros trezentos anos da nossa Era. Após a passagem de Jesus na Terra, que pessoalmente veio trazer a mensagem de renovação e iluminação de consciências, grandes apóstolos e missionários da Verdade doaram-se em total abnegação em favor da Causa do Cristo, semeando a Boa-Nova em toda parte. Estes missionários ficaram conhecidos como *Primeiros Cristãos*. Passado o trabalho missionário dos discípulos de Jesus, fortalecido pelas pregações de Paulo de Tarso, criando ou oferecendo suporte para as várias comunidades cristãs que se formavam no mundo, muitas gerações viveram o Evangelho à sombra de perseguições e testemunhos.

Neste período inicial dos primeiros séculos, além destes testemunhos e perseguições, ficaram registrados os comentários teóricos do Evangelho e o trabalho em favor de necessitados, do corpo e da alma, demonstrando a excelência do ideal cristão. Além disso, como fruto do estágio de imperfeição humana, ocorreram também no Cristianismo iniciante as divergências doutrinárias, os cismas internos, os desentendimentos, as questiúnculas, etc.

Este foi o Cristianismo Primitivo, de um mundo de expiação e provas.

Passados dezenove séculos de movimento cristão, eis que surgiu em França a Doutrina Espírita, o Consolador prometido por Jesus, para relembrar a mensagem do Evangelho e ensinar coisas novas referentes à Vida além-túmulo, bem como às relações entre o mundo espiritual e o mundo material.

Iniciado este movimento em 18 de abril de 1857, em Paris, como o lançamento de “O Livro dos Espíritos”, por Allan Kardec, o Espiritismo completa, em 1999, 142 anos de existência, e aos poucos aumenta seu campo de abrangência por vários países, sendo que o Brasil, atualmente, se apresenta como o maior país espírita do mundo. Portanto, se os primeiros séculos de movimento cristão se denominaram *Cristianismo Primitivo*, é-nos lícito afirmar que estamos em pleno *Espiritismo Primitivo*, pois se passaram apenas 142 anos desde o advento da Terceira Revelação. Assim como o Cristianismo teve suas perseguições e testemunhos, o Espiritismo também tem enfrentado suas dificuldades, e no Brasil, por exemplo, no Código Penal de 1890, ele foi até considerado crime. Da mesma forma, o Movimento Espírita tem originado obras de excelente qualidade na área social, em favor dos necessitados, como também livros doutrinários de admirável conteúdo, mediúnicos, ou não. O Cristianismo teve Paulo de Tarso, o grande tribuno convocado por Jesus para levar a Boa-Nova a toda gente, e que necessitou vencer muitos obstáculos, até mesmo entre os seus próprios seguidores. Da mesma forma, o Espiritismo possui também seus *Paulo de Tarso*, que têm percorrido o Mundo e levado a mensagem espírita a toda parte.

Não faltaram e não faltam, como era de se esperar, as diatribes, as divergências, os cismas, as questiúnculas, problemas esses nem sempre tratados com a devida tolerância. Se as pessoas dos primeiros séculos que aderiram ao Cristianismo foram chamadas de *Primeiros Cristãos*, evidente que, os que nos movimentamos agora na Seara Espírita, podemos ser chamados como os *Primeiros Espíritas*, com a grave responsabilidade de conduzir este sublime legado para as futuras gerações... ■

Livro Estelar

PASSOS LÍRIO

Não sabemos se todos já atentaram para o fato, aparentemente estranho, de ter subsistido sem contestação alguma, nos termos de qualificação do livro primeiro da Doutrina Espírita, aquela expressão: *Filosofia Espiritualista*, nele colocada por Kardec.

Tivemos a atenção voltada para a mesma, depois do confronto que estabelecemos entre a referida expressão – *Filosofia Espiritualista* – e as palavras de abertura, constantes no item I da *Introdução*, em que o Codificador fez questão formal de divulgar os neologismos *espírita* e *Espiritismo*, a fim de estabelecer a diferença destes para com os vocábulos *espiritualista* e *espiritualismo*.

Ora, seria de se admitir, com foros de razão, que, após aquela explicação tão clara quanto lógica, a expressão *Filosofia Espiritualista* não mais figurasse na página de identificação da obra. Mas, continuemos em nossa observação. Logo depois daquelas duas palavras, vêm os dizeres: **O LIVRO DOS ESPÍRITOS. Princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade – segundo os ensinados dados por Espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns – recebidos e coordenados por Allan Kardec.**

Parece que não dá para entender, porque isso mais se choca com a intenção que teve o Autor, de bem caracterizar aquela diferenciação de palavras e acepções. Mas, forma sentido, sim. É aí que está o ponto alto da questão, com toda a sua relevância e grandiosa significação. E é nisto que queremos deter, agora, a nossa atenção e encarecer para o fato a do complacente leitor.

Antes da Doutrina Espírita, coordenada metodicamente e sistematizada em postulados, já existiam filosofias espiritualistas, algumas até criações de autores contemporâneos de Allan Kardec. Todas elas, por serem espiritualistas, especularam a respeito da existência de Deus e de Seus atributos, cogitaram das faculdades da alma, detendo-se no pensamento e na vontade, na razão e na emotividade, e conjecturaram acerca de sua sorte depois da morte. Erigiram sistemas, instituíram escolas, fizeram adeptos, aliciaram partidários, mas não saíram do bê-a-bá das coisas do Espírito. Eles se propuseram chegar a resultados que não lograram alcançar. Falaram, escreveram, filosofaram... e ficaram na mesma. De espiritualistas, as suas doutrinas só tiveram o nome e a intenção. Eram de inspiração pessoal e circunscritas às coisas humanas, em sua feição terra-a-terra. Não saíam daquele círculo vicioso, a que seus antecessores se ativeram, viciados, e eles próprios se empenharam em no-los legar como herança envelhecida e envilecida.

Pois bem, o Espiritismo ou a Doutrina dos Espíritos conseguiu fazer, como Filosofia, explicando, esclarecendo, instruindo, edificando, o que todos os sistemas filosóficos e político-sociais, anteriores a ela ou seus contemporâneos, tentaram em vão, não indo além da própria sombra. Por isso, apareceu a expressão lapidar, verdadeiramente qualificativa de uma condição preenchida, de um objetivo plenamente colimado – *Filosofia Espiritualista*. Estava certo o Autor de “O Livro dos Espíritos”, ao dar-lhe essa designação.

Notemos, porém, uma coisa: os quatro livros posteriores (sem falar em “O que é o Espiritismo”) – “O Livro dos Médiuns”, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno”, e “A Gênese” – saíram dessa primeira obra

básica da Codificação Kardequiana. Então, “O Livro dos Espíritos” é, na realidade, um Livro Constelação, porque dos seus arcanos surgiram outras estrelas de primeira grandeza, que deitam dentro da noite humana, glacial e tempestuosa, as suas doces e blandiciosas fulgurações. Isto mais reforça aquela qualificação que lhe foi atribuída – *Filosofia Espiritualista* -, porquanto a esta se juntaram a Ciência e a Religião, em sua verdadeira acepção, para formar o triângulo de luz que baliza os rumos dos destinos humanos, na existência terrena e na Vida de Além-Túmulo.

Desacompanhada destas duas (Ciência e Religião), teríamos uma bela e maravilhosa Filosofia, como de fato a temos, com decifrações oportuníssimas, explicações plenamente satisfatórias e especulações simplesmente transcendentais. Mas, o espírito humano ficaria carente ainda de maiores e melhores esclarecimentos, de maiores e melhores consolações, de maiores e melhores encorajamentos, de maiores e melhores convicções e esperanças, certezas e conquistas, de maiores e melhores inspirações e aspirações para viver e lutar, sofrer e esperar, trabalhar e vencer. Daí o acerto – insistimos em frisar – da qualificação, aliás, expressamente justificada por Allan Kardec, no último parágrafo do item I, da Introdução: “Como especialidade, *O Livro dos Espíritos* contém a doutrina espírita; como generalidade, prende-se à doutrina *espiritualista*, uma de cujas fases apresenta. Essa a razão porque traz no cabeçalho do seu título as palavras: *Filosofia espiritualista*. ■

O Caranguejo

RICHARD SIMONETTI

O pregador anunciou:

- Meus caros amigos, tenho três notícias. Uma boa e duas más.

Um murmúrio percorreu a comunidade reunida.

O que estaria acontecendo?

- A primeira notícia má, algo que todos já notaram: nosso templo está em péssimas condições. Necessita de uma reforma.

Expectativa...

- A notícia boa: temos o dinheiro!

Sorrisos.

- A outra notícia má: o dinheiro ainda está no bolso de vocês!

*

Essa pitoresca história ajusta-se com perfeição às lides espíritas:

Há dinheiro para sustentar e dinamizar os Centros Espíritas, em reformas e ampliação de serviços.

Só há um probleminha:

Está no bolso dos espíritas.

À luz da Doutrina, particularmente do apelo fundamental contido na máxima de Kardec – *Fora da Caridade não há Salvação* – os Centros bem orientados transformam-se em células atuantes e empreendedoras envolvendo, além da atividade doutrinária, a assistência e a promoção de famílias carentes, em creches, berçários, hospitais, escolas, albergues, lares da infância e da velhice...

Está implícita nos textos doutrinários uma permanente convocação às atividades voluntárias em favor do bem comum.

É preciso estar muito distraído ou indiferente para não perceber isso.

Infelizmente, partindo do princípio de que o Espiritismo é a doutrina da consciência livre, essas iniciativas ficam ao arbítrio das pessoas que, mesmo quando se conscientizam, tendem a estabelecer cotas mínimas de participação e contribuição.

Isso ocorre particularmente em relação ao dinheiro, o chamado *vil metal*, quando usado em interesses pessoais, mas que poderia ser transformado em *metal nobre* para atender às carências humanas.

Em muitos Centros esse assunto é tabu.

Alega-se que falar em dinheiro passaria a impressão de que estamos cobrando por benefícios prestados àqueles que buscam ajuda espiritual.

Cotizam-se alguns diretores para pagar despesas básicas – zelador, água, luz, telefone, limpeza...

Quando se cogita de qualquer novidade, envolvendo um serviço assistencial, a pintura inadiável, a ampliação necessária, a despesa inesperada, dão tratos ao bestunto os dirigentes, pensando em almoços, bazares, feiras, sorteios, campanhas de jornais, livros, vidro, garrafas, alumínio, plástico, e tudo o mais que possa render alguns trocados.

É louvável, mas seria muito mais prático e produtivo se todos se dispusessem a contribuir regularmente, considerando que integram uma sociedade espírita que, como ocorre com todas elas, deve exigir de seus participantes o cumprimento de determinados deveres estatutários, a começar por um elementar – pagar uma contribuição mensal.

*

Outra questão espinhosa: o valor da contribuição.

Geralmente as pessoas oferecem suas sobras.

Justamente por isso muitos não contribuem.

É que, segundo seus programas, há sempre compromissos inadiáveis que absorvem as disponibilidades.

- Estou reformando minha casa...
- Viajarei de férias...
- Troquei de automóvel...
- Ampliei meus negócios...
- Fiz investimentos...
- Meu filho entrou na faculdade...
- Há gente doente em casa...

Oportuno lembrar a passagem evangélica da viúva pobre, em Lucas, 21:1-4:

Olhando Jesus, viu os ricos lançarem as suas ofertas no gazofilácio [onde eram depositadas as oferendas]

Viu também uma viúva pobre lançar ali duas pequenas moedas.

E disse:

Em verdade vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; mas ela, da sua pobreza, deu todo o sustento que tinha.

A observação do Mestre é de clareza meridiana...

Enquanto nossas contribuições girarem em torno de sobras, pouco faremos, porquanto na contabilidade dos interesses particulares sempre falta o necessário.

Mesmo generosos saldos credores são registrados como *reserva técnica* para atender a problemas eventuais.

Resultado – nunca sobra nada.

A experiência demonstra que quando superamos essa tendência e nos dispomos a contribuir generosamente, somos recompensados com bênçãos que o dinheiro não pode comprar.

Lembro-me de um amigo, comprometido com a usura.

Para desespero seu, gastava muito com problemas de saúde, pessoais e familiares.

Nunca tinha disponibilidades a oferecer, sempre temeroso de lhe faltarem recursos para atender aos males que se sucediam.

Um dia criou coragem, livrou-se do caranguejo (as pessoas muito apegadas parecem ter o crustáceo no bolso, guardando seu dinheiro).

Com grande constrangimento, timidamente em princípio, começou a usar os seus haveres para atender às carências alheias.

Para sua surpresa, quanto mais oferecia, menos gastava com médicos e remédios.

Uma boa troca.

Poderíamos, em favor dessa tese, lembrar que:

Quem dá aos pobres empresta a Deus.

Considerando que, em última instância, tudo pertence a Deus, somos apenas depositários do dinheiro que amodamos.

A mordomia justa e perfeita será sempre aquela que nos leva a atender os filhos de Deus com seu próprio dinheiro, transitoriamente confiado à nossa administração.

Vale lembrar, a esse propósito, o célebre conto de Tagore, em que um aldeão, procurado pelo Senhor da Vida, deu-lhe apenas um grão do trigo que trazia em seu alforje.

Depois, em casa, constatou que no lugar do grão doado estava uma gema preciosa.

E lamentou o parcimonioso doador:

- Tolo que fui! Deveria ter entregado todo o trigo ao Senhor da Vida!

*

O valor da contribuição e sua regularidade são um assunto resolvido pelos evangélicos.

Com base em textos bíblicos, estabelecem o dízimo, a décima parte do rendimento dos fiéis, entregue mensalmente à igreja.

Uma serviçal doméstica ganhava perto de dois salários mínimos. Antes de qualquer iniciativa, retirava os sagrados dez por cento para a igreja que freqüentava, embora lhe fizessem falta. Viúva, tinha quatro filhos pequenos.

Não obstante, contribuía religiosamente, considerando que seria um “roubo” ficar com o “dinheiro de Deus”.

Poderemos questionar tamanho rigor, não obstante a lição de Jesus, mas é inegável que dá resultado. Os profitentes levam à sério a necessidade de contribuir e com isso as igrejas brotam em todos os bairros e o movimento cresce a olhos vistos.

De moto-próprio deveríamos fixar uma porcentagem sobre rendimentos, destinada às obras espíritas, superando um problema que é freqüente nos Centros Espíritas:

O dinheiro para a necessária reforma, a pintura, a instalação do serviço assistencial, a publicação do periódico, a biblioteca, a livraria espírita, e muito mais, permanece seqüestrado pelo caranguejo em nosso bolso. ■

Do Espírito de Verdade

INALDO LACERDA LIMA

Há músicas que são tocadas ou cantadas mas nunca se gastam ou envelhecem, nem cansam nunca os ouvidos que as escutam. Assim nos parece a sinfonia suave e terna do Evangelho de Jesus, o Cristo de Deus.

Associamos à sabedoria e ternura do Evangelho aquelas sete mensagens do Espírito de Verdade constantes da obra “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cuja linguagem e perfume impregnam o nosso coração.

“Quem me vê a mim vê o Pai” – exclama o Mestre ao apelo de Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta” (João, 14:8-9).

Não temos a graça de Filipe, diante da visão de Jesus, mas temo-la, talvez muito maior, graças ao milagre da imprensa e à bênção da Mediunidade, dispondo da alegria de ler e sentir o perfume de suas palavras, que deve representar a palavra do Pai, como se dos próprios lábios do Criador as ouvíssemos, agora revificadas sob as luzes do Consolador!

Essas reflexões nos ocorrem sempre que relemos aquelas sete mensagens do Espírito de Verdade, a que já nos habituamos de certo tempo para cá. Sempre que nos sentimos diante do ruído da tempestade oriunda do noticiário escandaloso e amargo do mundo acicatado pela fúria das vibrações negativas dos homens, buscamos, em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, o seu Prefácio sublime, as cinco mensagens do capítulo VI e aquela última do capítulo XX. Meia hora depois de as termos relido, sentimo-nos aliviado e ainda uma vez mais disposto a continuar o mesmo labor, revigorado e confiante.

A idéia de escrever este trabalho vem-nos a propósito de algumas leituras feitas em alguns desses jornais clarificados com a denominação de *órgão doutrinário espírita*, mas com certos conteúdos que costumam apagar-lhes o brilho... Por isso, recorremos ao pensamento do Espírito de Verdade. E até cogitamos: Que bom se a nossa querida FEB, ou qualquer outra editora, publicasse uma separata daquelas sete mensagens, incluindo o Prolegômenos de “O Livro dos Espíritos”.

Eis como o Espírito de Verdade inicia a primeira mensagem do capítulo VI da obra citada:

“Venho, como outrora aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas”.

“Trazer-vos a verdade e dissipar as trevas”. Mas como? A Verdade, efetivamente temo-la, em toda a extensão da obra majestosa e sem comparação que nos foi outorgada através de Allan Kardec. Contudo, e as trevas, como dissipá-las, se boa parte dos *trabalhadores da última hora*, confundidos com as vozes de determinados profetas (cap. XXI, item 11), enveredam por outros caminhos?! E, o que é pior, numa hora gravíssima em que talvez já não haja tempo para retorno...

Reflitamos sobre esse outro trecho da respeitável mensagem:

“Homens, (...) não afasteis o facho que a clemência divina vos coloca nas mãos para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai”.

Nestas palavras, sentimos um apelo que só um profundo Amor pode ditar, mormente em face dos termos com que ele inicia o parágrafo seguinte:

“Sinto-me por demais tocado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa (...)”.

Percebemos, todavia, que muitos ignoram essa fraqueza e, à maneira dos grandes tiranos da Humanidade, ou, quem sabe – valendo-nos da imagem de Cervantes, com o seu desabrido D. Quixote -, nem percebiam que supõem combater moinhos de vento, quando, na realidade, tentam atacar o inatacável ou transpor o intransponível. E justamente em face da percepção de insensatez de impulsivos insensatos é que prossegue o Espírito de Verdade em outro soleníssimo apelo: “Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo”.

Em sua mensagem do item 6, seguinte, o Espírito de Verdade nos alerta que:

“Nada fica perdido no reino de nosso Pai e os vossos suores e misérias formam o tesouro que vos tornará ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui as trevas e onde o mais desnudo dentre todos vós será talvez o mais resplandecente”.

E continua alertando-nos na mensagem seguinte:

“Instruí-vos na preciosa doutrina que *dissipa o erro das revoltas* e vos mostra o sublime objetivo da provação humana”. (Grifos nossos)

Mas, é na mensagem do item 7, recebida em Bordéus, que o Espírito de Verdade nos chama a atenção para o fato de ser, ele, “o grande médico das almas”, informando: “venho trazer-vos o remédio que vos há de curar”. E nos sentimos impelidos a indagar: Curar de que, na condição de médico das almas? Curar-nos, evidentemente, da maior das enfermidades que podem adoecer a alma: a *ignorância* sobre o alicerce da vaidade e do orgulho. Tanto que nos recorda:

“Deus dirige um supremo apelo aos vossos corações, por meio do Espiritismo. Escutai-o. Extirpados sejam de vossas almas doloridas a impiedade, a mentira, o erro, a incredulidade”.

Quedamo-nos, às vezes, pensativo: Será que os espíritas, de modo geral, lêem essas mensagens? Elas são tão veementes, elas têm um tal poder de penetração em nossas mentes, que aqueles que geram confusão na seara espírita não seriam capazes de agir como agem se valorizassem essas comunicações do Espírito de Verdade, especialmente quando ele nos sugere, na mensagem do item 8, recebida no Havre, em 1863, dois anos depois: *devotamento e abnegação*, dizendo que essas duas palavras (que devemos tomar como divisa) nos farão fortes porque resumem todos os deveres que a caridade e a humildade nos impõem.

E, continuando, que dizer da mensagem final do Espírito de Verdade, a sétima, constante do item 5 do capítulo XX, intitulado *Os obreiros do Senhor*. Será que podemos citar alguns trechos dela, sem correr o risco de ferir alguns daqueles a quem o orgulho não suporta sequer a presença no mundo de um Cristo que tenha mérito maior do que o espírito Kate King, que durante três anos esteve à disposição do grande William Crookes? Teria Deus negado ao Governador do Planeta o direito e poder de permanecer a serviço da Humanidade?

Não vamos citar nada dessa última mensagem. Propositadamente, deixamos aos Espíritas sérios – como Allan Kardec costumava escrever, na *Revue Spirite*, grafando Espíritas com E maiúsculo! A eles queremos sugerir que leiam essa e as demais mensagens do Espírito de Verdade. Elas nos falam sobretudo à consciência, atestando-nos a grandeza incomparável do Espiritismo, e levando-nos a compreendê-lo como Allan Kardec o entendeu: em seu tríplice

aspecto, tal como nos demonstra “O Livro dos Espíritos”.

Estamos todos na plenitude dos tempos anunciados, previstos nas profecias, e não há mais espaço para digressões. Toda a Terceira Revelação está expressa. É como o Cristianismo, onde se encontram todas as verdades: “são de origem humana os erros que nele se enraizaram”. Que não ocorra o mesmo com o Espiritismo, que muitos, a título de se fazerem dele defensores, podem incrementá-lo de manchas e erros, mercê da influência do intelectualismo, esquecidos da recomendação do Cristo (Mateus, 23:10): “Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo”. ■

Editoração Espírita no Brasil: Alguns Subsídios

GERALDO CAMPETTI SOBRINHO

Um título novo está sendo lançado no mercado editorial espírita toda semana!

Você já parou para pensar: quantos títulos de periódicos e de livros possui a literatura espírita?

São mais de sessenta editoras, espíritas ou que publicam obras espíritas.

Se fôssemos fazer um levantamento geral da quantidade de títulos espíritas que atualmente está em circulação – o que denominamos de *títulos correntes* – é possível que o nosso registro ultrapasse a casa da centena para os periódicos (jornais, revistas, boletins, anuários, etc.) e a dos dois milhares para os livros. ¹

Diante dessa realidade irreversível, dois sentimentos opostos nos assaltam de imediato: um, de alegria, pela expressiva divulgação do Espiritismo, proporcionada por essas publicações; outro, de tristeza, pela má qualidade do conteúdo e da apresentação de boa parte dessa literatura.

CONTEÚDO

O que observamos quanto ao conteúdo é a existência de livros repetitivos, incompletos, confusos, antidoutrinários, de natureza polêmica, disponibilizados ao público, espírita ou simpatizante do Espiritismo, juntamente com outra literatura de excelente nível doutrinário.

Em nossa opinião, as editoras deveriam aplicar um maior rigor quanto ao conteúdo de suas publicações, principalmente no tocante aos princípios básicos estabelecidos na Codificação Kardequiana. Tais obras não devem discordar dos postulados preconizados por Allan Kardec e pelos Espíritos superiores. As obras que se enquadram nessa categoria não são espíritas. Os autores, publicadores e demais responsáveis pela edição deveriam separar o *joio do trigo* antes de a obra ir a lume. Esta atitude evitaria muita confusão e desentendimento quanto ao que de fato *é e não é Espiritismo*.

Imaginemos a situação do indivíduo que ainda não teve oportunidade de conhecer a Doutrina Espírita, mas ouviu alguma coisa a respeito, ficou curioso e resolveu ir a uma livraria para adquirir um “livro espírita”. Chegando lá, encontra grande variedade de títulos, o que é muito bom. Todavia, dentre os títulos expostos, há diversos, cujos conteúdos não são “rigorosamente” espíritas. Esse simpatizante do Espiritismo poderá, em uma circunstância dessa, iniciar seu aprendizado da Doutrina Espírita de maneira inadequada, pois o contato inicial com obras mediúnicas ou não, *ditas espíritas*, mas de conteúdo duvidoso, apresentará uma visão distorcida do que representa a Terceira Revelação.

Nesse caso, haveria necessidade de vendedores treinados, que conhecessem bem o Espiritismo, a fim de orientar o leitor quanto à obra mais indicada ao iniciante. ² Ocorre que tais livros estão disponíveis em livrarias que não são espíritas, que comercializam esse tipo de literatura porque “vende bem”. O interesse nesse caso não é o da divulgação doutrinária, mas o comercial.

O problema poderá ser resolvido, então, como o rigor maior na elaboração

da obra, desde a seleção e preparação dos originais até a revisão final de seu conteúdo, que não se limitará às correções ortográficas, gramaticais ou semânticas, mas também envolverá a preocupação quanto à fidelidade do conteúdo aos preceitos da Codificação Espírita. 3 Impossível? Não. Difícil, sim, pois é trabalhoso e leva tempo. Quando há pressa em publicar, como tem sido o caso, a qualidade fica comprometida. É preciso, então, repensar a editoração espírita no Brasil e avaliar o que estamos fazendo com esse enorme potencial de divulgação doutrinária.

FORMA DE APRESENTAÇÃO

Quanto à apresentação, tanto nos aspectos estéticos quanto nos que se referem aos critérios técnicos de normalização editorial, percebemos quatro situações: (normalização)

- Livros de bom conteúdo com forma de apresentação ruim;
- Livros de conteúdo ruim com boa apresentação;
- Livros de conteúdo ruim com forma de apresentação ruim; e
- Livros de bom conteúdo com boa forma de apresentação.

A quarta situação é a preferível. Infelizmente, são raros os casos em que podemos constatar-la.

A forma de apresentação deve obedecer a critérios técnicos de documentação, sobretudo quanto às normas de editoração, visando ao estabelecimento de padrões mínimos de normalização que facilitem a rápida identificação e o mais fácil acesso aos assuntos tratados na obra.

NORMAS DA ABNT SOBRE DOCUMENTAÇÃO

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) – órgão responsável pela normalização técnica no Brasil – publicou as seguintes normas brasileiras (NBRs) sobre documentação e que são de nosso interesse imediato em termos de editoração:

- Referências bibliográficas (NBR 6023, 1990);
- Numeração progressiva das seções de um documento (NBR 6024, 1993);
- Sumário (NBR 6027, 1980);
- Apresentação de livros (NBR 6029, 1988);
- Apresentação de índices de publicações (NBR 6034, 1989);
- Apresentação de citações em documentos (NBR 10520, 1992);
- Preparação de folha de rosto do livro (NBR 10524, 1993);
- Título de lombada (NBR 12225, 1992); e
- Apresentação de originais (NBR 12256, 1992).

SUMÁRIO E ÍNDICE

A correta elaboração do sumário e do índice, duas partes comumente confundidas, mas que possuem funções e estruturas diferentes, é muito importante para a melhoria da qualidade de apresentação de uma obra.

O *sumário* é a “enumeração das principais divisões, seções e outras partes de um documento, na mesma ordem em que a matéria nele se sucede”. O sumário deve figurar no início do livro, apresentando uma visão geral do conteúdo, conforme a estrutura seqüencial dos assuntos desenvolvidos no corpo da obra. Neste caso, a numeração progressiva das seções do documento é fundamental para a clareza da apresentação e rápida identificação dos assuntos nele tratados.

O *índice* é a “enumeração detalhada dos assuntos, nomes de pessoas, nomes geográficos, acontecimentos, etc., com a indicação de sua localização no texto”. É uma lista que localiza e remete para as informações contidas em um texto. Daí a impropriedade da adjetivação *remissivo* que é de uso comum, logo após o termo índice. Registra-se, pois, *índice remissivo* de maneira pleonástica e equivocada. A palavra índice dispensa o complemento remissivo, pois todo índice, por sua própria definição, remete o leitor à parte específica do documento ou do texto que aborda o tema pesquisado. Adotar *índice alfabético remissivo* é pior ainda.

Certa vez, questionamos um professor da área de editoração sobre esse assunto. Ele ficou tecendo considerações explicativas durante cinco minutos, para, ao final, dizer que estávamos com a razão.

O índice é localizado no final da publicação e deve ser denominado simplesmente de índice, índice temático (de assuntos), onomástico (de nomes), geográfico (de locais), cronológico (de datas) de acordo com a natureza do índice. A NBR 6034 da ABNT, que trata da preparação de índice de publicações, classifica de *índice geral* quando se combinam duas ou mais categorias indicadas. Por exemplo: a apresentação de um índice de autor e de assunto é considerada como um índice geral, o que não significa necessariamente que ele terá este nome. Pode-se optar pela denominação *índice temático e onomástico*, ou, *índice de assuntos e de nomes*, ou, *índice de nomes e de assuntos*, ou ainda, *índice geral*. O mais importante é que haja uma padronização da editora quanto à elaboração e denominação desses elementos técnicos que compõem a publicação e representam os mecanismos de comunicação da obra com o leitor.

CAPA E QUARTA CAPA

Há trabalhos muito bons em termos de capa, que chegam a agradar aos olhos. Todos os livros deveriam ser assim. O livro também é um produto que será consumido pelo leitor, por meio de sua leitura, seja para fins de estudo e aprendizado, ou seja simplesmente pelo prazer de ler. Ninguém vai adquirir um produto de que não goste. As editoras que já fazem o trabalho de “embalagem” profissionalmente estão de parabéns. As outras poderiam seguir seu exemplo.

A utilização da chamada quarta capa, ou última capa do livro, para divulgação do conteúdo, informações sobre o autor, ou apresentação do resumo de outras obras, representa uma comodidade para o leitor, que facilmente obterá informações objetivas por meio da obra que tem em mão, dispensando o ato de abertura do livro ou o compulsar de suas páginas. Isso parece à primeira vista irrelevante. Todavia, pode influenciar na decisão do leitor quanto à aquisição ou não de um livro.

Esses cuidados com a apresentação encarecem a obra? Talvez muito menos do que se imagina. A variação de alguns centavos não será fator impeditivo para a aquisição da obra. O investimento na melhoria de qualidade vale a pena. O resultado compensa: um conteúdo bom doutrinariamente, com apresentação atraente.

TÍTULO DE LOMBADA

O título da publicação a ser estampado na lombada da obra, de acordo com a NBR 12225, deve ser horizontal ou vertical. A aposição horizontal é uma opção para o caso de livros muito volumosos, que permitam o título nessa posição, abreviadamente ou não. 4 O título de lombada vertical é “escrito longitudinalmente e legível do alto para o pé da lombada”. Conhecido por título de lombada descendente, esta forma permite a leitura do título quando o livro está colocado horizontalmente sobre uma mesa, ou qualquer outro objeto, com a face voltada para cima. Tente fazer a leitura de um título de lombada escrito de baixo para cima. Certamente, não lhe faltarão exemplos, pois grande parte das editoras ainda fazem o oposto do que é recomendado pela norma. Verifique o que acontece e, depois, fale-nos do resultado.⁵

NOTAS E REFERÊNCIAS:

1. Deixaremos a análise dos periódicos para outra oportunidade e nos concentraremos, neste momento, nos livros.
2. Esta tarefa não é nada fácil, por uma série de razões: de uma lado, o nível intelectual, faixa etária e interesse do leitor; de outro, a natureza e a apresentação do conteúdo da obra. O ideal é iniciar pelo começo, isto é, pelas obras básicas. Assim, não se corre o risco de uma visão distorcida quanto aos conceitos espíritas.
3. Para os que pretendem aperfeiçoar-se na técnica de escrever, cf. as boas sugestões de FRANZOLIM, Ivan René. *Como escrever melhor e obter bons resultados*; no relacionamento pessoal, no movimento espírita, no trabalho. 2. Ed. Ver. E atual. São Paulo: USE, 1996. 93p.
4. A posição horizontal é raramente utilizada
5. Contato pelo e-mail gcampetti@yahoo.com

■

Expições e Provas

ADÉSIO ALVES MACHADO

Esta realidade do funcionamento da Lei Divina em nossas vidas deixa-nos bem tranqüilos, porque passamos a saber que depende de nós o êxito de nossos empreendimentos, de nosso fim existencial.

Para se entender as questões aqui apresentadas, importa comecemos por indagar: Que é carma? Que são provas e expiações?

Carma é expressão vulgarizada entre os hindus, que em sânscrito significa “ação”, mas que a rigor designa “causa e efeito”, tendo em vista que todo movimento e toda ação procedem de uma causa ou de impulsos anteriores. Esta palavra haverá de expressar sempre a conta de cada um de nós, englobando débitos e créditos que, em particular, nos digam respeito, que sejam de nossa responsabilidade. ¹

Escreve Newton Boechat ²:

“Já disse ilustrado pensador hindu que o Carma é lei tão inflexível que pune a quem nela acreditar, se ele errar -, e beneficia a quem nela não acreditar, se ele acertar”.

A Lei de Causa e Efeito regula os nossos atos, as nossas atitudes e os nossos pensamentos. É por meio da pluralidade das existências que o Espiritismo nos ensina: os males e aflições por nós sofridos são, geralmente, expiações do passado, ou seja, sofreremos na vida presente as conseqüências das faltas que cometemos em existência anterior. Assim, até que tenhamos quitado a última dívida de nossas imperfeições, vamos prosseguir na seqüência de nossas reencarnações, vida após vida, na Terra, ou noutro mundo semelhante a ela. ³

Em virtude da aplicação da lei de ação e reação em nossas vidas seremos ditosos ou desgraçados, aqui e no além-túmulo, na proporção do bem ou do mal que houvermos feito.

Na linguagem popular, todas estas denominações são representadas pela expressão “lei do retorno”, pela qual cada um recebe de volta aquilo que tem dado.

Se quisermos recorrer à Ciência, depararemos com a informação de que a toda ação corresponde uma reação igual e contrária, em sentido inverso.

Conclusão; a vida nos devolve o que a ela damos. Caso tenhamos dado o bem, receberemos o bem, receberemos o bem; em caso contrário, ela nos devolverá o mal que lhe tivermos feito.

Mas, perguntarão: quando fazemos mal a alguém é à vida que ferimos? Exatamente, porque nosso compromisso é com a Vida. O semelhante é uma representação do que é a Vida. Desta forma, toda falta cometida por nós contra alguém, na verdade ao magoá-la estamos magoando a Vida, e será esta que nos virá cobrar o que a ela devemos, sem dúvida.

Tratemos agora das provas e expiações, procurando, antes de ir adiante, defini-las.

Joanna de Ângelis conceitua que, na prova, matriculamo-nos na escola para aprender, e que na expiação nos internamos no hospital para sofrer. E é exatamente isso que acontece. O Planeta tanto é um educandário, quanto um hospital, ambos sempre abertos para nos acolher.

Afirma Emmanuel (“O Consolador”, n.º 246):

“A provação é a luta que ensina ao discípulo rebelde e preguiçoso a estrada do trabalho e da edificação espiritual. A expiação é a pena imposta ao malfeitor que comete um crime”.

Quando nos sentirmos envolvidos por lutas morais, enfrentando humilhações, tendo que suportar pessoas agressivas, invejosas, ciumentas, etc., saibamos que estamos diante da prova. Quando, entretanto, a dor nos bate violentamente, causando-nos grande sofrimento, não tenhamos dúvida, estamos expiando. Com os exemplos que se seguirão, acreditamos que será fácil todos compreenderem.

Recentemente, num choque aquático entre um barco a vela e uma lancha, um dos velejadores teve a perna, na altura da virilha, decepada pela hélice da lancha. A primeira pergunta que deve assomar à mente de qualquer estudioso das leis divinas é: por que foi ele o atingido e não o seu companheiro que se achava no mesmo barco? Era ele quem havia de enfrentar a internação num hospital e sentir a dor que, no passado, provavelmente fez um seu semelhante sofrer.

Diante de todo e qualquer acontecimento, principalmente os desastres em que há vítimas fatais e outras vezes não, devemos indagar do porquê daquele fato. Tudo é efeito que tem uma causa. Se a causa não se acha nesta existência, achar-se-á numa anterior.

Como ensina o Apóstolo Pedro 4, o “amor cobre multidão de pecados”. No entanto, para que isso ocorra, ou seja, a vivência do amor pelo infrator para que possa eliminar a sua dívida, necessário é que ele faça brotar de dentro de si o arrependimento, como primeiro passo para que a Lei venha usar de misericórdia para com ele. Sem esse procedimento, só resta à Lei dar continuidade ao processo de cobrança da dívida contraída, encarregando-se desta cobrança a Lei de Causa e Efeito.

Com respeito ao acima exposto (o amor cobrir os pecados), encontramos no livro de Emmanuel o seguinte 5:

“Quando o trabalho, no entanto, se transforma no prazer de servir, surge o ponto mais importante da remuneração espiritual: toda vez que a Justiça Divina nos procura no endereço exato para execução das sentenças que lavramos contra nós próprios, segundo as leis de causa e efeito, se nos encontra em serviço ao próximo, manda a Divina Misericórdia que a execução seja suspensa, por tempo indeterminado”.

Reflitamos, que esse serviço no bem tem que ser realmente grandioso, altamente meritório, aquele que está exigindo total renúncia e abnegação. Não se trata, é claro, de que qualquer atitude caritativa apagará as nossas dívidas. É por este motivo que nos devemos ligar, cada vez mais, à prática do bem, vincularmos-nos decisivamente ao “Fora da caridade não há salvação”. Atentemos para o fato de que Emmanuel se refere ao “prazer de servir”. Devemos sentir alegria, felicidade no trabalho de doação ao próximo, estar tão mergulhados nesse mister, que somente sentiremos prazer no bem que praticarmos. Só desta forma é que o *amor cobrirá multidão de pecados*.

Joanna de Ângelis escreveu:

“A soma das tuas ações positivas quitará o débito moral que contraíste perante a Divina Consciência, porquanto o importante não é a quem se faz o bem ou o mal, e sim, a ação em si mesma em relação à harmonia universal”. 6

A Mentora Espiritual, no mesmo livro, expressa-se sobre o carma ao se referir ao caso de Judas Iscariotes:

“Judas Iscariotes, consciente da missão do Mestre, intoxicou-se pelos vapores da ambição descabida, e, despertando depois, ao enforcar-se, estabeleceu o lúgubre

carma de reencarnações infelizes para reparar os erros tenebrosos e recuperar-se.” 7

Numa outra oportunidade, ela aborda o texto que denominou *Carma de Solidão* 8, quando enfatizou que a “Vida na Terra é feita de muitos paradoxos. E isto se dá em razão de ser um planeta de provações, de experiências reeducativas, de expiações redentoras”. No entanto, que nós não desfaleçamos, porque este é o nosso carma de solidão. Acrescentou que o que atualmente nos falta, malbaratamos no passado, e o que perdermos, descuramos enquanto possuíamos. Agora sentimos a necessidade.

Somente temos o melhor, aquilo que nos fará bem, e que servirá ao nosso progresso moral e espiritual. Reclamar, nunca. Resignarmo-nos, sempre.

O Espiritismo tem a finalidade de qualificar as nossas vidas dentro de um padrão evangélico, ou seja, disciplinar a nossa liberdade, de tal forma que tenhamos na Terra uma vida social digna, bem harmoniosa, o mais perfeitamente ajustada aos impositivos da Lei de Deus, no âmbito da vida espiritual. Todo o nosso esforço será regiadamente recompensado.

Com esses cuidados, ao demandar o mundo espiritual, ao atravessar o túmulo, não nos iremos sentir desabrigados. Haveremos de nos acomodar num refúgio moral que nos traga bem-estar espiritual, mesmo que ainda estejamos um tanto desgovernados pela mudança de plano vibratório. Lá estarão nos aguardando Aqueles Amigos que se constituíram, enquanto aqui estagiávamos, na mão amiga sempre estendida em nossa direção, abençoando-nos. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. XAVIER, F. C., Autor espiritual André Luiz, *Ação e Reação*, 4. ed. P. 87, FEB.
2. BOECHAT, Newton. *Ide e Pregai*, 3. ed., FEB, p. 19.
3. KARDEC, Allan, *A Gênese*, Cap. I, nos 34 a 38, 35 ed. FEB.
4. ALMEIDA, João Ferreira. *Novo Testamento*, 1 Carta de Pedro, 4:8.
5. XAVIER, F. C. *Perante Jesus*. Autor espiritual Emmanuel, do Instituto Divulgação Editora André Luiz.
6. FRANCO, Divaldo Pereira. *Momentos de Consciência*. Autor espiritual Joanna de Ângelis, p. 47, *Culpa e Consciência*, lição 6, Livraria Espírita Alvorada – Editora.
7. Idem, *ibidem*. *Carma e Consciência*, lição 8.
8. Idem, *Viver e Amar*.

Conceito Dínamo-Genético da Vida

CARLOS BERNARDO LOUREIRO

“**E**stamos muito longe da perfeição” – disse Oliver Lodge (“Evolução Biológica e Espiritual do homem”) – *“e cada um de nós é, individualmente, um artigo inacabado... o homem é, inegavelmente, um ser imperfeito, e está todavia, em vias de desenvolvimento; mas não se deve perder de vista que nós partimos da idéia de que a criação é uma operação contínua, perpetuamente em curso, em movimento, exigindo tempo para atingir a maturidade e dentro da qual todas as coisas aspiram um fim designado e desejado anteriormente”*.

A história da Terra e a história da Humanidade estão igualmente sujeitas a um processo contínuo de movimento e de transformação, a um perpétuo vir-a-ser, apresentando, destarte, aspectos variados e distintos, cambiantes, completando-se uns aos outros, relacionando-se entre si e sucedendo-se no curso dos séculos.

“A substância (vivente) – disse Léon Denis – é um Proteu que reveste mil formas inesperadas... Todos os seres estão unidos uns aos outros e se influem reciprocamente. O Universo inteiro está submetido à Lei da Solidariedade” (“O Grande Enigma”).

Aristóteles, adiantando-se à sua época (antes de Cristo) concebeu também a unidade e continuidade da vida, não apenas no encadeamento das formas, mas também em seus caracteres psicológicos e morais.

Em razão dessa monumental e silenciosa progressão evolutiva reconhece-se a necessidade de uma influência que se exerce de uma maneira constante para conduzir os seres e as coisas das fases rudimentares aos estádios mais aperfeiçoados.

Esta influência provém, indiscutivelmente, de uma Causa única, de um dinamismo psíquico superior que abraça e une todas as coisas e seres viventes, a todos os dínamo-psiquismos particulares em sua causalidade e movimento proteiforme. Causa ativa, eficiente, infinitamente sábia, centralizadora e diretriz das distintas atividades universais.

“No Universo”- disse o pensador espírita argentino Manuel S. Porteiro (“Espiritismo Dialético”) – “e como causa essencial de sua existência, há, fora de toda dúvida, um princípio inteligente ativo, criador e transformador perpétuo”.

Assim o têm estabelecido, ainda que de diversas maneiras e sob distintos nomes, todos os filósofos dialéticos, à exceção, entenda-se, dos materialistas, que só admitem a matéria como substância única, como única realidade e causa determinante da vida e do pensamento.

Heráclito, que fora o primeiro filósofo que pensou dialeticamente, que concebeu uma concepção dínamo-genética da Vida e do Universo, afirmou que:

“(...) tudo passa, que nada é, que tudo chega a ser, que nenhum homem se banha duas vezes nas mesmas águas de um rio”.

Ele admitiu o princípio do movimento e da transformação constante de tudo o que existe.

Diria, a propósito, Gustave Geley, o genial metapsiquista francês:

“A vida é movimento, a evolução é movimento, o progresso é movimento, movimento ascendente, de transformação, de perfeição e eterno rejuvenescimento”.

Leibniz (Gottfried Wilhelm), o grande filósofo dinamista-espiritualista e sutil dialético, sustentava que há uma tendência em tudo quanto existe a trabalhar, a modificar-se, uma aspiração a um fim mais ou menos permitido:

“O futuro está cheio do presente... Tudo que não se movimenta e se transforma, morre.

Ou mais exatamente, não existe (Quo non agit nee existit)”.

E completou o autor de “Novos Ensaio sobre a Compreensão Humana”:

“Tudo marcha, tudo move, evoluciona e progride, senão em linha reta, mas em ciclos espirais de avanços e recuos, de auroras e ocasos, de primaveras e outonos, de vidas e de mortes, que, por sua vez, recobram nova vida, num caudal de espiritualidade, de consciência infinitamente”.

A evolução em geral e em particular, em cada ordem das coisas, tem suas revoluções, seu aceleração e suas rupturas de forma como resultado do progresso gradual que, ao chegar ao máximo de desenvolvimento cíclico, rompe a resistência das forças que a pressionam e produz mudanças e transformações, não apenas quantitativas, mas, também, qualitativas. Cada vez que há uma mudança na progressividade gradual, produz-se um salto, sem que por isto se origine descontinuidade no progresso da vida, nem alterações biopsíquicas essenciais.

Os trabalhos de Hugo de Vries e de Armando Gautier confirmam, na área da Biologia, como os de Cope, na Paleontologia, a teoria das transformações bruscas ou por saltos, que concebeu o gênio dialético de Hegel, de que se utilizaram Marx e Engels para a formulação do conceito materialista da História, e que o Espiritismo, com Gustave Geley, redimensionava-o com o sentido espiritualista da evolução.

Em conclusão: Na Natureza tudo está em contínuo movimento; é um constante devenir, que não há nada absolutamente estático; nada isolado ou desvinculado da causalidade universal e do princípio psicodinâmico que a rege...

■

Esflorando o Evangelho - EMMANUEL

Não te Canses

“Não nos desanimemos de fazer o bem,
pois, a seu tempo ceifaremos, se não
desfalecermos”. – *Paulo* (Gálatas, 6:9).

Quando o buril começou a ferir o bloco de mármore embrutecido, a pedra, em desespero, clamou contra o próprio destino, mas depois, ao se perceber admirada, encarnando uma das mais belas concepções artísticas do mundo, louvou o cinzel que a dilacerara.

A lagarta arrastava-se com extrema dificuldade, e, vendo as flores tocadas de beleza e perfume, revoltava-se contra o corpo disforme; contudo, um dia, a massa viscosa em que se amargurava converteu-se nas asas de graciosa e ágil borboleta e, então, enalteceu o feio corpo com que a Natureza lhe preparara o vôo feliz.

O ferro rubro, colocado na bigorna, espantou-se e sofreu, inconformado; todavia, quando se viu desempenhando importantes funções nas máquinas do progresso, sorriu reconhecidamente para o fogo que o purificara e engrandecera.

A semente lançada à cova escura chorou, atormentada, e indagou por que motivo era confiada, assim, ao extremo abandono; entretanto, em se vendo transformada em arbusto, avançou para o Sol e fez-se árvore respeitada e generosa, abençoando a terra que a isolara no seu seio.

Não te canses de fazer o bem.

Quem hoje te não compreende a boa-vontade, amanhã te louvará o devotamento e o esforço.

Jamais te desesperes, e auxilia sempre.

A perseverança é a base da vitória.

Não olvides que ceifarás, mais tarde, em tua lavoura de amor e luz, mas só alcançarás a divina colheita se caminhares para diante, entre o suor e a confiança sem nunca desfaleceres. ■

(Do livro, “Fonte Viva”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 124, p. 281 e 282, 22. Ed. FEB).

Nas Entrelinhas da História

GUSTAVO G. FRÓES

Saulo de Tarso, o jovem Doutor da Lei, a promessa de continuidade do orgulho da raça, deixa Jerusalém em busca de uma casinha florida da estrada de Jope onde uma jovem doce e bela enchia o seu coração dos mais sublimes sentimentos. Abigail era a consumação de seus ideais de moço probo e honrado, retribuindo-lhe as esperanças com as promessas de um futuro venturoso.

Somente um fato se interpunha entre o jovem par e a felicidade total: a situação de Jeziel, irmão de Abigail, injustamente condenado à escravidão e enviado às galés, tendo o destino ignorado.

Percebendo o véu de tristeza no semblante da companheira naquela tarde, quando estavam juntos aos canteiros de flores orientais do pomar, Saulo questiona Abigail sobre sua tristeza.

Após explicar que aguarda notícias de Corinto sobre o seu irmão, de um amigo de Zacarias, Abigail pede a Saulo:

“- Ouve, Saulo: Se Jeziel ainda estiver preso, prometes-me teu auxílio em seu favor? Teus prestigiosos amigos de Jerusalém poderão intervir para libertá-lo, junto do Procônsul da Acaia! Quem sabe? Minhas esperanças, agora, resumem-se exclusivamente em ti.

Ele tomou-lhe a mão e replicou enternecido:

- Farei tudo por ele”. *

Estava sendo sincero. Realmente ansiava por atender aos reclamos de Abigail, trazendo-lhe o irmão querido a quem presumia ser um verdadeiro santo, que certamente lhe abençoaria a união.

Eles não poderiam, de forma alguma, imaginar que, apenas a algumas semanas Jeziel fora deixado em Jope, em estado lastimável, pela intervenção caridosa do patrício Sérgio Paulo que agradecido pela sua dedicação ainda lhe deixa uma bolsa de moedas.

Ao se ver assaltado e prestes a ser assassinado, Jeziel convence a seu agressor, Irineu de Crotona, a deixá-lo vivo e até a providenciar-lhe socorro, em troca de sua bolsa.

Espantado, diante do desprendimento de Jeziel pela posse das moedas, e conquistado pelo magnetismo do jovem enfermo, Irineu toma-se de bons propósitos e resolve socorrê-lo encaminhando-o à casa de Efraim, um dos bons homens do “caminho”.

Diante de mais um sofredor, pois na véspera recolhera outro doente de Cefalônia, vitimado pela mesma doença, resolve transportá-los para Jerusalém, onde os recursos e o número de cooperadores é maior.

E assim, ao crepúsculo, Efraim acomoda os dois enfermos em uma carroça cuidadosamente velada por um toldo de pano barato e parte em busca do socorro necessário, rumo a Jerusalém.

Seguindo lentamente para não esgotar os animais, pois a viagem é longa, tem pela frente um árduo caminho somente abrandado pelo frescor da noite. Os doentes ora reclamam, ora deliram atacados pela febre, para depois adormecerem esgotados.

Muitas vezes são detidos pelo cansaço natural ou pela necessidade de atendimento aos enfermos, feito sempre de forma carinhosa por Efraim, um verdadeiro irmão.

As paisagens se sucedem no ir e vir das trilhas sinuosas e irregulares. De quando em vez avistam uma propriedade onde Efraim busca reabastecer-se de água. Alguns, bondosos, ofertam-lhes víveres, tomados de piedade pelo estado dos viajantes.

Após a longa e solitária madrugada, as primeiras luzes da aurora já se fazem perceber quando ainda restam algumas milhas para Jerusalém. Neste ponto a estrada de Jope torna-se suave e harmoniosa, circundada por tamareiras e pessegueiros em flor.

Após noite estafante, Jeziel e seu companheiro de infortúnio jaziam esgotados em sono profundo e não puderam ver as grandes plantações de legumes ao lado do tênue fio de água e nem a mimosa casinha cercada de flores e de frutos, onde Efraim parou para buscar os últimos recursos da viagem.

Foi o bondoso Zacarias que, apiedando-se dos passageiros adormecidos, pessoalmente providenciou água e algumas frutas para os viajantes. A família, que cedo iniciava o seu labor, atendeu prestimosa ao cansado condutor da carroça que, a uma pergunta de Ruth, a devotada esposa de Zacarias, respondeu atencioso:

“Não creio ser de bom alvitre que a senhora e a sua filha se aproximem dos enfermos: seu estado é lastimável e neste momento julgo melhor deixá-los descansar. Apenas algumas milhas e eles receberão o tratamento adequado em Jerusalém. Fiquem em paz, Deus lhes proteja”.

E desta maneira segue adiante com a sua tarefa cristã, conduzindo seus irmãos ao abrigo da “Casa do Caminho”.

Jeziel esteve ali! Tão próximo! Passou diante da casa de Zacarias onde estava sua irmã Abigail, pois era o caminho mais lógico, senão o único, do porto de Jope a Jerusalém, naquela época. Por que não se encontraram, se tanto se buscavam?

Quem leu “Paulo e Estêvão” sabe todo o drama que se desenrolou a partir deste momento da narrativa, tendo Saulo sido impulsionado à perseguição aos cristãos pelas divergências com Estêvão, nome adotado por Jeziel, que velava todo o seu passado.

Será que estava tudo traçado, para que acontecesse da maneira que aconteceu? Seria a fatalidade? Todos os sacrifícios, crimes, perseguições e abusos fariam parte de um enredo previamente traçado, apenas com a finalidade de converter Saulo de Tarso, o imponente “Doutor da Lei”, ao Cristianismo nascente? Não poderia Abigail, num impulso, ter se aproximado da carroça e descoberto que um dos enfermos era o seu amado irmão? Que conseqüências adviriam desta nova situação? A missão de Paulo de Tarso não se cumpriria?

Busquemos as respostas à luz da razão, através da Doutrina Espírita.

Com critério situemos Saulo, Jeziel e Abigail. Estudando o capítulo X da segunda parte de “O Livro dos Espíritos” intitulado *Das Ocupações e Missões dos Espíritos*, podemos classificar as encarnações de Jeziel e Abigail como missionárias. Reportemo-nos à questão 575:

“As ocupações comuns mais nos parecem deveres do que missões propriamente ditas. A missão, de acordo com a idéia a que esta palavra está associada, tem um caráter menos exclusivo, de importância sobretudo menos pessoal. Deste ponto de vista, como se pode reconhecer que um homem tem realmente na Terra uma determinada missão?

Pelas grandes coisas que opera, pelos progressos a cuja realização conduz seus semelhantes”.

Os irmãos de Corinto sempre demonstraram sua superioridade moral e perfeita identificação com os princípios cristãos. Influíram decisivamente no progresso de seus semelhantes. Tomemos como exemplo o Procônsul Sérgio Paulo que tomou a si a responsabilidade de uma atitude humanitária com um escravo condenado à morte, concedendo-lhe a liberdade e a vida, influenciado decisivamente pelo comportamento de Jeziel.

Quanto a Saulo, que sofreu a influência vital destes dois Espíritos magníficos, vamos colocá-lo em plano diferente. Espírito nobre, com fortes qualidades morais, sofria ainda os males do personalismo egoístico, necessitado do burilamento santificante na carne. Recebeu e aceitou uma gigantesca tarefa para alcançar os patamares superiores do mundo espiritual e venceu brilhantemente, tornando-se um símbolo do progresso da alma. Certamente Deus o escolheu para situá-lo mais próximo de nós e nos mostrar que é possível o passo grandioso da emancipação da alma em uma encarnação. É como se todos fôssemos “Saulos” na busca de ser “Paulos”.

Retornemos aos fatos: Por que tudo aconteceu daquela maneira? Porque, para implantar a luz na faixa das sombras, é necessária muita perseverança na luta contra as imperfeições humanas e muito sacrifício. Sabemos que Jesus não veio sozinho à Terra. Quando de sua estada entre nós foi necessária a formação de uma verdadeira cunha de luz, composta por Espíritos superiores, para penetrar a zona sombria que envolvia o nosso planeta e permitir que o Divino Pastor semeasse definitivamente o Amor entre os homens. Muitos sacrifícios eram previstos e os Espíritos corajosos aceitaram a missão de reencarnar naquele momento com galhardia, exemplificando a sua independência da matéria.

Saulo de Tarso poderia ter-se convertido de outra maneira, através da palavra firme e amorosa de Estêvão ou dos exemplos dos bondosos Galileus do “caminho”, mas as suas imperfeições o impediram de compreender de pronto as belezas do Evangelho do Mestre e sacrificou a muitos que fariam parte do seu exército de luz, se de imediato ele se convertesse.

Nada de fatalismo, apenas o livre-arbítrio movendo-se na direção que lhe impõe a imperfeição ainda existente, àquela época, naquele Espírito. Pela resposta à questão 853 de “O Livro dos Espíritos”, ficamos sabendo que “fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é”. Quando Deus o determina ele é inexorável.

Abigail poderia ter encontrado Jeziel à frente da casa de Zacarias. Trataria do irmão com desvelo e carinho, tendo-o a seu lado e travando-se entre ele e Saulo uma forte amizade. Quando da visita de Ananias (que converteu Abigail), certamente Jeziel seria tocado pela mensagem de Jesus e a levaria até Saulo. Apenas os bons Espíritos não sugeriram a Abigail que buscasse a carroça que passou diante de sua morada, por achar que melhor seria Jeziel conhecer a obra cristã em Jerusalém, onde seria mais útil. A sugestão para que Abigail se mantivesse a distância, quando da passagem de Jeziel na estrada de Jope, terá sido feita pelos Espíritos que a auxiliavam na sua missão.

Questão 459:

“Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem”.

Em todos os momentos está presente a perfeição divina com suas leis justíssimas, o respeito ao livre-arbítrio, a lei de causa e efeito, a influência dos Espíritos no mundo corporal, a exemplificação de Espíritos superiores, a determinação ao bem de um Espírito superior que nos mostra como é possível e que vale a pena e, acima de tudo, a presença constante da misericórdia divina a exaltar o amor, nesta obra magnífica de Emmanuel.

“Paulo e Estêvão” é para se ler sempre!

A FEB e o Esperanto

V Encontro Espírita Esperantista do Estado do Rio de Janeiro

AFFONSO SOARES

Esperantistas-espíritas reuniram-se em 6-12-98 na sede da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro – USEERJ (Rua dos Inválidos, 182 – Rio de Janeiro) para os trabalhos do V ENESEERJ, sob os auspícios do Departamento de Esperanto daquela Federativa.

De 9h às 17h os participantes cumpriram rico e agradável programa, sob a inspiração do tema central – “Allan Kardec e Zamenhof”- , procurando evidenciar as estreitas ligações entre os dois grandes ideais que estarão na base da Nova Era de uma Humanidade regenerada.

Pela manhã, grupos de estudo debateram sobre “A Divulgação das Obras Espíritas por meio do Esperanto”, “A Criança, O Jovem e o Esperanto” e “Os Conselhos Regionais Espíritas da USEERJ e o Esperanto”, chegando ao Plenário com conclusões e resolução dignas do exame e da consideração dos espíritas em geral e dos dirigentes do Movimento Espírita em particular.

O uso do Esperanto na divulgação das obras e das idéias espíritas tem-se mostrado viável e útil, como o provam os excelentes frutos colhidos além de nossas fronteiras, com destaque para os países da Europa Oriental, onde os textos doutrinários em Esperanto permanecem a fonte principal – senão a única – para sustentar atividades que apontam para a formação de futuros movimentos espíritas. Aliás, esses frutos não deveriam causar surpresa, uma vez que o Esperanto nas atividades espíritas é do interesse dos grandes Espíritos condutores do Espiritismo em nosso país. As perspectivas, portanto, se mostram promissoras, cabendo aos espíritas do Brasil intensificar seus trabalhos e investimentos nesse campo de atividades, sustentando a divulgação do Espiritismo por meio do Esperanto com os melhores recursos de que disponham.

O Departamento de Esperanto da USEERJ, visando à introdução do tema nas programações dos Conselhos Regionais e demais subdivisões da organização espírita estadual, mantém um serviço de visitação aos Centros Espíritas, promovendo palestras e cursos, assim buscando fecundar o coração dos adeptos com a generosa semente do ideal esperantista.

Quanto aos efeitos benéficos do Esperanto na formação espírita da criança e do jovem, chegou-se à unânime opinião de que a base sólida da conscientização do adepto sobre as excelências do idioma e de seus ideais deve começar exatamente pela inclusão do tema nos currículos da evangelização, a exemplo do que já ocorre nos círculos assistenciais do Lar Fabiano de Cristo, da Capemi. Uma tal iniciativa, além de educar a alma infantil e juvenil para a fase universalista do amor sem fronteiras, se constituiria também num poderoso incentivo a que o Esperanto encontre sempre mais fervorosa acolhida nos próprios círculos espíritas.

Os trabalhos do V ENESEERJ foram sobremaneira enriquecidos com a participação de três membros da União Espírita Mineira, sob a liderança de Said P. Albuquerque, Diretor do Departamento de Esperanto daquela Federativa. As

realizações e experiências dos co-idealistas e confrades de Minas Gerais, no campo de Esperanto, foram acolhidas como modelo de orientação e certamente servirão de base ao fortalecimento do que já se faz no Estado do Rio de Janeiro e à formação de novos trabalhadores desse setor.

À tarde, os participantes foram edificados por substanciosa palestra de Geraldo Guimarães, tecida em torno das personalidades de Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail) e o Dr. Esperanto (Lázaro Luís Zamenhof), condutores de movimentos que, assemelhando-se profundamente pelos objetivos que os harmonizam com o Evangelho de Jesus, unem suas forças, sob a aprovação do Alto, para a construção do futuro de paz da Humanidade, à sombra das divisas – “Trabalho, Solidariedade, Tolerância” e “Justiça e Fraternidade entre os Povos”.

O tradicional simpósio, sob nossa coordenação e com a brilhante participação de Geraldo Guimarães, Said P. Albuquerque e da confreira Alcione Nunes de Freitas Koritzky, coordenadora dos Cursos Infantis do “Esperanto-Grupo Ismael Gomes Braga” (Rua Silva Cardoso, 673 – Bangu – 21810-030 – Rio - RJ), deu ensejo a que se levantassem dezenas de pertinentes questões ligadas às relações entre o Movimento Espírita e o Esperanto, das quais destacamos a que tratou da necessidade de se formar instrutores do idioma para a promoção de cursos nos Centros Espíritas e a que indagou das possibilidades de que o Esperanto venha a ser adotado pelo Conselho Espírita Internacional como língua de trabalho nos congressos e das relações entre os movimentos espíritas dos países-membros.

No que diz respeito à formação de professores, ainda não dispomos de algo organizado nesse sentido, não obstante a enorme necessidade de se suprir essa lacuna em face do crescente interesse dos adeptos pela aquisição do Esperanto. Por enquanto, ainda devemos recorrer, em grande parte, aos serviços, aliás excelentes, mantidos pelas organizações esperantistas neutras, sendo provável que, pela própria força das circunstâncias, se imponha a criação de um setor nos círculos espíritas que atenda a essa necessidade.

Quanto à adoção do Esperanto nos círculos internacionais do Espiritismo, há enormes possibilidades de que, em tempo bem menor do que o supomos, vejamos concretizada essa aspiração dos esforços quase centenários dos espíritas brasileiros em favor do uso do Esperanto como língua comum da família espírita mundial. Os resultados e as experiências colhidas no Congresso Espírita em Lisboa justificam o otimismo dos esperantistas-espíritas do Brasil. O Conselho Espírita Internacional acena com a possibilidade de uma tal conquista, uma vez que o problema lingüístico se ergue como obstáculo indesejável, embora sanável, nos trabalhos que o futuro reserva para a comunidade espírita internacional. Aproveitemos o ensejo favorável que se forma, pois não convirá aos interesses superiores do Ideal que uma coletividade inspirada por idéias e princípios progressistas de amor, fraternidade e justiça, com a grave missão de construir o futuro, se acomode aos sistemas vigentes de comunicação que ainda entram, e sempre entrarão, o progresso franco da Humanidade, dificultando a efetiva aproximação das criaturas. Não obstante a sofisticação da atual tecnologia, que nos oferece, por exemplo, a rede mundial de computadores, o fato é que o sistema retrógrado da comunicação pela multiplicidade de línguas reduz de muito o alcance de todos os veículos de comunicação, inclusive as redes de computadores.

O encontro foi encerrado com uma manifestação artística de alto nível: o Coral do 29º CRE apresentou belas composições musicais com letras em Esperanto e em português, e um grupo de esperantistas-espíritas da USEERJ

representou uma peça teatral, em Esperanto, sobre a missão conjunta do Evangelho, do Espiritismo e do esperanto na construção da Nova Era, cuja aurora se esboça no Terceiro Milênio. Aguardemos, cada qual em seu posto de serviço, os frutos de mais esse evento realizado sob a égide do EEE (Evangelho, Espiritismo, Esperanto).

“Memórias de um Suicida” em Esperanto

Grças a longos e pacientes esforços de uma grande equipe de idealistas, sob a proteção e inspiração de Maria de Nazaré, a Mãe de Jesus, surge afinal a versão em Esperanto de uma das mais importantes obras mediúnicas recebidas no Brasil, portadora de revelações surpreendentes sobre a inominável tragédia que, além do túmulo, se abate sobre todos os que voluntariamente desertam das lutas da existência.

Durante cerca de meio século, essa primorosa produção do espírito do grande romancista português, Camilo Castelo Branco, através da médium Yvonne do Amaral Pereira, arrebatando almas frágeis dos abismos de tão tenebrosa queda espiritual, tinha sua influência limitada ao círculo restrito de algumas nações, o que, com efeito, não correspondia plenamente ao desejo do angélico Espírito da Mãe do Cristo, diretora, no Planeta, de todos os trabalhos espirituais em favor do socorro e da recuperação dos suicidas.

Agora, a advertência, o esclarecimento, a consolação e o socorro nascidos do maternal sentimento de Maria se disseminarão pelo Mundo, levados pelo idioma universal que, por sua determinação, também é cultivado nas dependências da colônia espiritual por ela mantida nas proximidades da Terra.

A tradução, que inegavelmente muito contribui para o enriquecimento da literatura do Esperanto, vem a lume num momento cruciante da transição porque passa a Humanidade, quando se observa a recrudescência dos nefastos efeitos do materialismo, entre eles o suicídio, cuja frequência lhe vai conferindo dimensões de verdadeira epidemia. Circulando num veículo legitimamente universal como o Esperanto, “Memorajoj de Simortiginto” estará disponível a uma coletividade verdadeiramente planetária, ensejando a que, em qualquer parte do mundo, as revelações espíritas particularmente relacionadas ao suicídio neutralizem a indiferença a respeito dos destinos, elevem o ponto de vista sob o qual se encara a dor, a aflição, demonstrando de forma cabal a lei de causa e efeito a que todos estamos submetidos, lei que o Divino Mestre expressou na solene sentença – a cada um segundo suas obras.

No Brasil, os interessados em adquirir o livro devem escrever à Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz (Cx. Postal 3133 – CEP 20001-970 – Rio de Janeiro - RJ).

Pelo conteúdo e pela forma, “Memorajoj de Simmortiginto” recomenda-se à leitura de todo esperantista, espírita ou não espírita, devendo-se a tradução a Affonso Soares, com a competente revisão do Professor Benedicto Silva. ■

Discípulos de Jesus

GEBALDO JOSÉ DE SOUSA

“Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros”. (*João*, 13:34-35).

O Amor é a essência da Doutrina de Jesus. Recomenda-nos, sobretudo, sua vivência, traduzida nos atos, palavras e pensamentos de todos os instantes.

Depreende-se dos versículos que seus discípulos seriam reconhecidos pelo amor recíproco! João Evangelista – o discípulo amado – dá-nos a razão dessa concepção, ao definir que “(...) Deus é Amor”. (I João, 4:8). E segundo a definição dada por um Espírito a Kardec, Jesus era *médium* de Deus! ¹

Meditando sobre os dois mil anos que se passaram desde Sua vinda até nós; sobre os acontecimentos que presidiram e presidem às ações humanas, concluímos que nem mesmo os chamados “religiosos” assimilamos ainda o verdadeiro espírito da sublime lição do Amor.

Se a houvéssemos compreendido, não teríamos atrasado nossa evolução pelos mil anos da Idade Média. A História não registraria a existência das Cruzadas, da “Santa” Inquisição e da “Noite de São Bartolomeu”, para ficarmos em movimentos originados, entre outras razões, na “fé cristã”; para não falar das outras guerras, antigas ou modernas, em que as atrocidades ultrapassaram os limites do verossímil, em sociedades ditas cristãs, ou tendo como causa disputas “Cristãs”. É claro que interesses econômicos são, em essência, a razão maior de todas elas. E os homens sofismam, enganando-se a si mesmos, apresentando a Fé Cristã como a razão de suas lutas.

Nem existiriam as divisões religiosas dos chamados “cristãos” dos dias que correm; nem seus ataques recíprocos.

Ou seja: ainda não revelamos, passados dois mil anos, o mútuo amor que nos identificará como verdadeiros discípulos do Mestre Incomparável!

Vamos além: a tolerância, a benevolência e a indulgência estariam presentes, se não para com terceiros, pelo menos entre nós, os espíritas, reciprocamente. Apesar da limitação, já seria um progresso.

Mas nem mesmo nós, com a Luz da Terceira Revelação, vivenciamos a máxima lição do Amor. O que revela que também esta não foi compreendida por nós. Que não passa de nossos lábios e ainda não chegou aos nossos corações!

Se não nos amamos, que notícias damos do Cristo, de Sua Doutrina, plena de Amor?

Se não nos amamos entre nós, se não nos respeitamos uns aos outros, como iremos amar os demais, indistintamente? Como convertê-los ao Evangelho, se revelamos que ainda não fomos convertidos ao seu verdadeiro Espírito?

Na questão 886 de “O Livro dos Espíritos” ², respondendo à indagação de Allan Kardec sobre “Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?”, os Espíritos revelaram:

“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”.

Ao participar, recentemente, de reunião ecumênica, onde estavam

presentes católicos, umbandistas, messiânicos, integrantes da LBV e espíritas, ouvimos, acertadamente, ao nosso ver, que os pontos que nos aproximam são em maior número do que o daqueles em que divergimos; e que podemos “ser diferentes, mas não indiferentes”.

Um companheiro católico afirmou que ali se encontrava por sentir que a convivência ecumênica se impõe a partir da família, cujos integrantes professam a fé através de múltiplos cultos.

Se na família essa é a realidade, por que não estedê-la à comunidade? Por que não nos revelarmos uns aos outros e a todos que somos verdadeiros discípulos do Divino Mestre?

Aludindo à intolerância e às acusações de áreas “neo-evangélicas”, indicou que o silêncio é a resposta adotada. E disse, sinceramente, que não sabia mais o que poderia ser feito. Aliás, essa foi a postura de Jesus, diante de Pilatos – a do silêncio.

Outro integrante da reunião sugeriu que orássemos uns pelos outros, sobretudo para aqueles mais intolerantes, buscando o poder pacificador e transformador da prece, atendendo à recomendação do Divino Mestre, e que orássemos para aqueles que não nos compreendem. Enfatizou, ainda, a necessidade das campanhas, entre todos os cultos, pela oração em família, que é o medicamento mais eficaz, num mundo excepcionalmente enfermo.

Jesus, o Bom Pastor, referindo-se a nós, suas ovelhas, afirma que “(...) elas [as ovelhas] ouvirão a minha voz; então haverá um rebanho e um pastor.” (II João, 10-16).

Unamos nossos esforços; trabalhemos juntos, para contribuir com a chegada desse tempo, em que “(...) haverá um rebanho e um pastor”.

Se queremos, pois, ser verdadeiros discípulos do Divino Mestre, ouçamos a Sua voz, amando-nos uns aos outros, com mútua benevolência. Só assim nos identificaremos realmente como Seus discípulos e aprendizes de Seu Evangelho de luz!

E a Terra transformar-se-á em bela oficina de Paz, de Trabalho, de Fraternidade, de Progresso Espiritual, favorecendo nossa Evolução e a conseqüente pacificação de nossas almas inquietas! ■

1.KARDEC, Allan. *A Gênese*, 37. Ed. Rio de Janeiro, FEB, 1996, Cap. XV P. 311.

2. Idem. *O Livro dos Espíritos*, 79. Ed. Rio de Janeiro, FEB, 1997.p.407,q.886 .

O Polemista

IAPONAN ALBUQUERQUE DA SILVA

Antonio Severo acordara cedo. Sua cabeça esfervilhava desde a madrugada, pois não conseguira conciliar o sono, ruminando idéias e mais idéias, a respeito de problemático assunto.

Era ele, nem mais nem menos, estudioso seguidor dos princípios espíritas, trabalhador, desembaraçado, daqueles que gostam de estar à frente de tudo, no desempenho das mais árduas missões; dele se poderia dizer, um verdadeiro “pé-de-boi”, e como todos nós sabemos, esse tipo de gente é coisa séria.

Campeão na tribuna, onde esflorava os princípios da Doutrina Espírita com grande brilhantismo, Antonio Severo crescia dia-a-dia no conceito de todos que com ele lidavam na Seara, não somente pela sua bela oratória, mas pelo fiel desempenho de todas as atribuições que lhe eram confiadas. Pregando, subindo morros em socorro dos mais necessitados, dirigindo a Casa Espírita, orientando a Assistência, aplicando passes, divulgando a Doutrina pela rádio local, enfim, estando presente em todas as ocasiões que representassem trabalho, não havia, de fato e de direito, quem o superasse, ao “Seu Severo”, como era mais conhecido.

Mas “Seu Severo” tinha uma singularidade desastrosa – adorava as discussões, era um discutidor emérito, era mesmo essa coisa perigosa, que se chama *polemista*. E também aí não havia quem o superasse; por causa de bagatelas, questões de “lana caprina”, lá vinha “Seu Severo” à arena, dedo em riste, voz trovejante, faces congestionadas, a discutir interminavelmente...

Não foram poucos os companheiros que se bandearam para outros Centros por sua causa, não poucos os que, iniciantes na Doutrina, chocaram-se com seus conceitos demolidores, em questões de moral e de fé. Pretendendo fazer proselitismo à força, veio a agastar-se, até mesmo, com padres locais, o que não é de boa política, principalmente em cidades interioranas.

Era este fato – a polêmica – que nos últimos meses empolgava o nosso invigilante irmão, que, temendo ser derrotado, fosse onde fosse, mobilizava todos os seus esforços a fim de derrotar “os adversários”, como costumava dizer.

Ora, de discussão em discussão, de polêmica em polêmica, o nosso ardente debatedor foi aos poucos se complicando, e de tal maneira que já não havia tempo para o fiel cumprimento de suas obrigações normais na Doutrina. Quem quisesse que se acovardasse – ele, de jeito nenhum. Novo “Dom Quixote”, arremetia contra moinhos de vento não tão imaginários assim, pois, na última discussão que tivera em praça pública com um sacerdote local, foi às vias de fato. Pronto! O polemista chegara ao máximo, desfazendo com aquela atitude todo um passado de retidão, trabalho, honestidade e caridade, ao medir forças com um companheiro de outra religião.

Amanhecera, e o “Seu Severo” estava que era uma pilha de nervos; naquela manhã, por certo, iriam procurá-lo por parte da Justiça. Já tinha sido informado de que um Oficial de Justiça viria intimá-lo a depor no rumoroso caso do qual era protagonista. E pensava, meditando no escândalo que provocara, no trabalho abandonado, na família em desespero se fosse condenado. Pensava, enfim, nas maléficas conseqüências que sobreviriam, simplesmente porque era um polemista...

Naquela manhã, mais do que nunca, aquele irmão compreendeu por que o Mestre e Senhor Jesus silenciou ante a pergunta de Pilatos: - “Dize-me, que é a Verdade?”.

Nenhum de nós conseguirá, evidentemente, semear a Verdade onde o terreno não for propício. E não será discutindo, polemizando, injuriando, contundindo, e sim cumprindo fielmente a Vontade do Senhor Jesus, seguindo seus preciosos ensinamentos, durante vidas sucessivas de trabalho e iluminação, que o conseguiremos.

Antonio Severo – a quem nada aconteceu – por ter obtido indulto, por intercessão de advogado amigo, ao qual ele havia devolvido a saúde com seus passes, daí para a frente mudou e muito o seu comportamento. Passou a falar menos e a ouvir mais, comprazendo-se em viver bem com todos, procurando compreender primeiro os outros antes de fazer-se compreender, tolerando tudo e relevando a todos.

As Materializações de Uberaba

ZÊUS WANTUIL

Gostaríamos, neste trabalho esclarecedor, que o nome Francisco Cândido Xavier, há mais de sessenta anos meu amigo e amado irmão, não fosse sequer citado, pois Wantuil de Freitas, em recomendação a Francisco Thiesen, na década de 70, já dizia que, “se porventura formos levados a defender-nos, evitemos expor o médium a dificuldades (...). Preservá-lo, portanto, é para nós simples dever”.

Entretanto, do modo como foi enxovalhada a pessoa daquele que durante 26 anos presidiu a Casa de Ismael, sendo ao mesmo tempo envolvida a imagem impoluta de Chico Xavier, em declarações que ele jamais faria, muito menos na linguagem em que se acham vasadas, é que nos levaram a tecer os comentários a seguir. Nós o fazemos não na condição de filho de Wantuil de Freitas, mas sim na de testemunha, já que acompanhamos de perto os acontecimentos de 1964.

Na obra recentemente lançada – “As Bênçãos de Chico Xavier”, seu autor, Carlos Bacceli, estampa infeliz capítulo, fruto da malevolência ou da irreflexão. Servindo-se do Chico Xavier como depoente, traz à tona, após transcorridos 34 anos, como se fora um furo de reportagem de repórter afoito por novidades, mesmo que estas não expressem a verdade, traz à tona, dizíamos, certa ocorrência com que pretende macular o nome honrado de A. Wantuil de Freitas, na época presidente da Federação Espírita Brasileira.

Não se achando entre nós o Wantuil, desencarnado em 1974, não tem ele como se defender, e acredito que do mundo espiritual não se abalançaria, através de algum médium, a prestar qualquer esclarecimento sobre os acontecimentos. Cabe a nós, os encarnados, elaborar a defesa dele e do Chico, muito embora este último tenha advertido os companheiros da FEB, desde 1947, de que “não se entreguem a esse nevoeiro de acusações gratuitas”.

Para um melhor entendimento dos fatos em geral, começamos por apresentar brevíssimo histórico dos acontecimentos relacionados com o infeliz capítulo:

[1] Sessões de materialização, com a médium Otilia Diogo, realizaram-se em Uberaba (MG) nos dias 4 e 5 de setembro de 1963, conforme afirma Jarbas Barbosa (**Anuário Espírita 1964**).

[2] No consultório médico de Waldo Vieira, juntamente com uma equipe de 19 médicos de São Paulo, de Goiás e do Triângulo Mineiro, prosseguiram as sessões de materialização com a citada médium, estando presentes, como assistentes, Chico Xavier, Jorge Rizzini e outros.

[3] É publicada, na revista de São Paulo – “Edição Extra”, em 25/10/63, reportagem sobre os fatos.

[4] A revista carioca “O Cruzeiro” ali compareceu e preparou uma longa reportagem sobre as experimentações, publicando-a em 10/1/64, com o título – “Fenômenos de Materialização” com objeções várias à veracidade dos fenômenos.

[5] Em 18/1/64 ocorreu longa entrevista na TV Continental, canal 9, com Jorge Rizzini e Luciano dos Anjos, no Rio de Janeiro, abordando o tema das materializações de Uberaba.

[6] Como escreveu Jorge Rizzini ¹, convidados os repórteres de “O Cruzeiro” a um debate na TV Cultura de S. Paulo, recusaram-se a comparecer. Os médicos que assistiram às materializações prepararam, então, uma réplica à revista “O Cruzeiro”.

[7] Escrita essa réplica, datada de Uberaba, 19 de janeiro de 1964, e assinada por três dos médicos que participavam das sessões, foi ela publicada, como matéria paga, primeiramente em S. Paulo (23/1/64), depois no Rio de Janeiro, pelo jornal “Correio da Manhã” de 24 de janeiro de 1964, tendo saído como “Carta aberta à revista ‘O Cruzeiro’”, dirigida ao Diretor de Redação Diz Rizzini, referindo-se à divulgação em S. Paulo: “Custou-nos a publicação uma pequena fortuna...” O trabalho em pauta ocupou página inteira de um jornal.

[8] Em 1^o de fevereiro de 1964, “O Cruzeiro” estampava, da pág. 70 à 82, a reportagem intitulada: “A Farsa da Materialização”, em que os jornalistas “constataram fraude primária nas experiências de materialização, em Uberaba.”

[9] Enquanto se preparava a defesa contra essa reportagem, à qual se juntaram, além de Rizzini, Herculano Pires, Luciano dos Anjos (então do Conselho Superior da FEB e articulista de “Reformador”), Henrique de Oliveira e outros, novas reportagens surgiram em “O Cruzeiro”, na tentativa de evidenciar a falsidade das materializações de Uberaba, perseguição que só finalizaria em 21 de março de 1964.

[10] Submetidas as fotos e os respectivos negativos, obtidos nas sessões de materialização, a Carlos Petit, perito criminal do Instituto de Polícia Técnica e professor da Escola de Polícia do Estado de S. Paulo, ele nenhuma fraude constatou nesse material, sendo dado um laudo datado de São Paulo, 24 de janeiro de 1964, o qual foi publicado, em página inteira, primeiro em São Paulo, como matéria paga, depois no “Correio da Manhã” de 5 de fevereiro de 1964, sob o título “Peritos da Polícia Técnica de São Paulo evidenciam que FARSA DA MATERIALIZAÇÃO É FARSA DE REPÓRTERES”.

Rizzini deixou registrado, no seu já aqui citado livro, essa passagem à página 130:

“Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, os primeiros a lerem o laudo paulista, se regozijaram.

- Precisamos divulgar esse laudo pela imprensa, o quanto antes.

E a divulgação foi feita em vários Estados”.

[11] Luciano dos Anjos, com Rizzini e outros, compareceram à TV Continental, em 15/2/64, em debate com uma equipe de “O Cruzeiro”, que afinal aceitara o encontro.

[12] Outros programas de televisão foram apresentados para ventilar as materializações de Uberaba, o último em S. Paulo, a 17/3/64.

[13] De acordo com a Ata da reunião do Conselho Federativo Nacional da FEB, de 1^o de fevereiro de 1964, presentes conselheiros de onze Estados, bem assim membros do Conselho Superior e diretores da FEB, convidados pelo presidente A. Wantuil de Freitas, este solicitou ao conselheiro Geraldo de Aquino lesse a entrevista que ele, presidente concedera à revista “O Cruzeiro” sobre os trabalhos de materialização realizados em Uberaba, com a assistência dos médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira. Após a leitura e encaminhado o assunto aos conselheiros, estes julgaram perfeita a interpretação dada pelo presidente do CFN aos fatos, em resposta aos quesitos formulados pelos jornalistas de “O Cruzeiro”. Em seguida ficou assentado que “é do desejo da FEB e de todos os espíritas que as pesquisas em torno

das materializações de Uberaba prosseguissem, com o objetivo de se alcançar a verdade, pois só esta interessa aos espíritas”.

Na reunião do CFN de 7/3/64, o presidente Wantuil explicou que a entrevista dada por ele a “O Cruzeiro” não foi publicada, nem pela revista nem por qualquer outro órgão de imprensa.

*

Declara o autor do capítulo em exame que as duas defesas contra “O Cruzeiro” (itens 7 e 10) foram achadas interessantes pelo Wantuil, o que não duvidamos, após a releitura que delas fizemos presentemente.

Daí, porém, afirmar que Wantuil haja mandado estampar no “Correio da Manhã”, por livre e espontânea vontade, as duas defesas e não tenha assumido a responsabilidade pelo pagamento da publicação, é uma colocação deveras temerária, para não dizer caluniosa. Quem privou com o Wantuil, inclusive o próprio Chico Xavier, que lhe conheceu bem o caráter e que sempre o admirou e respeitou, como o demonstram as cartas publicadas na obra “Testemunhos de Chico Xavier”, afora outras muitas, ainda inéditas, não levantaria, nem de longe, essa leviana afirmativa.

Lembra-me bem que os fatos sucederam de outra maneira: a iniciativa de publicação no Rio de Janeiro partiu de Uberaba, sendo encomendada a Wantuil a referida publicação em jornal de grande tiragem e que ocupasse página inteira. Wantuil procurou saber o preço, comunicou-o a Uberaba, recebendo, por telefone, a resposta de que ele continuasse com os entendimentos junto ao “Correio da Manhã”, pois era urgente que o público em geral tomasse conhecimento da contestação.

Efetivada a publicação, paga pelo Wantuil, pois o dito jornal, como é lógico, só a fez após o pagamento das custas, ele, Wantuil, muito naturalmente se dirigiu ao Waldo Vieira, em cujo consultório se realizavam as materializações por intermédio da médium Otília Diogo, pedindo-lhe o reembolso da quantia gasta conforme o combinado.

Wantuil jamais se negaria a arcar com qualquer dívida de sua responsabilidade ou compromisso. Mas se esta responsabilidade ou compromisso fosse de outrem, como de fato era, ele não se via obrigado a assumi-la. Como escreveu Isidoro Duarte Santos ², “Wantuil não é homem de meias palavras. Põe as cartas na mesa com lealdade e não tem vergonha de confessar um erro”.

Wantuil colaborou, incógnito, em muitas obras sociais, procurou ajudar o Chico Xavier em várias ocasiões, o mesmo fazendo outros diretores da FEB. Encheríamos páginas para comprovar o que dizemos.

O Chico sabe de tudo isso e muito mais. Sabe que Wantuil jamais cobraria dele um centavo sequer de conta referente à publicação de matéria paga em jornal, ciente de que o médium não era responsável por ela e nem tinha dinheiro para saldar qualquer dívida.

Lançar, pois, uma aleivosia dessa, como se fora do Chico, contra um amigo que com ele privou por mais de trinta anos, é, no mínimo, uma leviandade sem nome, a demonstrar insensibilidade terrível numa pessoa que é espírita e médium.

Quanto a dizer que Chico rompeu com a Federação Espírita Brasileira, não é verdade que tal tenha acontecido. As relações de Chico com a FEB eram boas em 1964 e permanecem boas até os dias de hoje. Em carta do médium ao Wantuil, datada de 29/6/64, ele assim principia: “Recebemos tua carta última e, como sempre, agradecemos o reconforto que nos proporcionas. Louvado seja Deus”. Adiante, o médium conta que, com o assentimento e o amparo de

Emmanuel, “condoído das despesas enormes a que a Comunhão Espírita Cristã vem sendo obrigada na difusão da Doutrina”, a referida Instituição ‘assumiu responsabilidades para o lançamento de vários livros, a ela doados por nosso Amigos Espirituais, por nosso intermédio, com o fim de ampará-la no programa de difusão doutrinária (...). Jesus te renove as energias e te sustente para que a Obra prossiga com a firmeza de tuas mãos generosas de sempre.”

Como vemos, à Comunhão Espírita Cristã de Uberaba foram concedidos direitos autorais de livros mediúnicos de Chico Xavier pelos motivos acima expostos. Aliás, já haviam sido dadas à publicidade pela CEC, antes de 1964, duas obras de Chico e Waldo:

- Em 1963: IDEAL ESPÍRITA, com prefácio de 1962.
- Em 1963: OPINIÃO ESPÍRITA, com prefácio de 1963.

- Em 1964 seriam lançados pela CEC o LIVRO DA ESPERANÇA e mais duas outras obras dos médiuns supra-referidos, enquanto a FEB lançaria nesse ano três obras dos mesmos médiuns.

De 1965 a 1975 Chico e Waldo doaram a diversas editoras cerca de 57 obras mediúnicas, sendo 17 para a FEB e 12 para a CEC.

Transferindo em 1975 suas atividades da Comunhão Espírita Cristã para o Grupo Espírita da Prece, fundado em 1975, Chico, numa entrevista concedida em 2 de julho de 1975 (Fonte: *O Espírita Mineiro*, n.º 164) declarou que esse Grupo teria, oportunamente, personalidade jurídica, com estatuto e diretoria, nos moldes habituais das instituições espíritas.

E de 1976 até o presente nenhuma obra foi doada à CEC, e apenas uma à FEB (1978), por que, como algumas vezes justificaria o próprio Chico, havia muitas Casas Espíritas que igualmente necessitavam, com a venda de seus livros, de recursos financeiros para as suas obras assistenciais. Explicava ainda Chico que nenhuma participação pessoal tinha na destinação dos livros mediúnicos, acentuando que “todos eles foram confiados pelos benfeitores espíritas que os escreveram a instituições respeitáveis”. (Fonte: *O Espírita Mineiro*, n.º 162, março/abril de 1975).

Saliente-se que desde 1932 o Chico já doava muitas obras, por ele psicografadas, a outras poucas editoras então existentes, sempre com o propósito de ajudá-las em suas obras assistenciais, como foi feito à LAKE, à FEESP e finalmente à CEC, em 1963.

Ao Chico não pode ser imputado um depoimento que contraria tudo aquilo que faz dele modelo ímpar de verdadeiro espírita cristão. Como que vindo ao encontro de nossas palavras, é o próprio autor do capítulo em exame que, finalizando seu livro, declara: “(...) em nenhuma oportunidade, em nossos longos anos de convivência com ele, o vimos tecer a menor crítica que fosse”.

A carapuça que esse autor talhara para Wantuil deve ser estendida a ele mesmo, que precisa refletir “no quanto ainda estamos distantes da vivência do Evangelho, embora nos vangloriemos de nossa condição de espírita. ■

1. Rizzini, Jorge. *Otília Diogo e a Materialização de Uberaba*, EDICEL, São Paulo, S.P., s/d.

2. Santos, Isidoro Duarte. *O Espiritismo no Brasil (Ecos de uma Viagem)*, 2.º vol, 1960.

Vaso Escolhido

MÁRIO FRIGÉRI

“Conheço um homem no Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até o terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe). E sei que o tal homem foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.” *Paulo* (II Cor. 12:2-4).

Margens do Tauro. Cilícia
Arrebatado em visão,
São Paulo frui a delícia
Duma nova dimensão...

Que Providência adotar
Quando o desânimo impera
E a tudo quer destroçar?
E Abigail, doce: *Espera!*...

Nessa esfera cristalina
- Terceiro céu, intui -,
Sente a presença divina
De Estêvão e Abigail.

Quanto à indiferença humana?
Como harmonizá-la à boa
Luz do Evangelho, que irmana?
Sussurra a amada: *Perdoa!*...

Fugazes fluem os momentos...
Por isso, presto, procura
Alinhavar pensamentos,
Questões que causam-lhe agrura.

Amor, Trabalho, Esperança
E Perdão... O Apóstolo ora...
Banha o coração-criança
Na paz do Senhor, e chora...

E pergunta, imerso em luz:
Como conquistar a chama
Da compreensão de Jesus?
E a noiva querida: *Ama!*...

Quando extravasa a emoção
De seu sentimento a Deus,
A noiva do coração
Esboça um gesto de adeus...

E a virtude que ilumina?
Como proceder, sem falha,
Nessa aquisição divina?
Ela responde: *Trabalha!*...

Abigail, suavemente,
Aperta-lhe as mãos, agora,
E seu vulto evanescente
Desfaz-se em flocos de aurora...

■

Não Há Morte

Depois que partiram do círculo carnal aqueles a quem amas, tens a impressão de que a vida perdeu a sua finalidade.

As horas ficaram vazias, enquanto uma angústia que te dilacera e uma surda desesperação que te mina as energias se fazem a constante dos teus momentos de demorada agonia.

Estiveram ao teu lado como bênção de Deus, clareando o teu mundo de venturas com o lume da sua presença e não pensaste, não te permitiste acreditar na possibilidade de que eles te pudessem preceder na viagem de retorno.

Cessados os primeiros instantes do impacto que a realidade te impôs, recapitulas as horas de júbilo enquanto o pranto verte incessante, sem confortar-te, como se as lágrimas carregassem ácido que te requeima desde a fonte do sentimento à comporta dos olhos, não diminuindo a ardência da saudade...

Ante essa situação, o futuro se te desdobra sombrio, ameaçador, e interrogas como será possível prosseguir sem eles.

O teu coração pulsa destroçado e a tua dor moral se transforma em punhalada física, a revolver a lâmina que te macera em largo prazo.

Temes não suportar tão cruel sofrimento.

Conseguirás, porém, superá-lo.

Muito justas, sim, tuas saudades e sofrimentos.

Não, porém, a ponto de levar-te ao desequilíbrio, à morte da esperança, à revolta...

Os seres a quem amas e que morreram, não se consumiram na voragem do aniquilamento.

Eles sobreviveram.

A vida seria um engodo, se se destruísse ante o sopro desagregador da morte que passa.

A vida se manifesta, se desenvolve em infinitos matizes e incontáveis expressões. A forma se modifica e se estrutura, se agrega e se decompõe passando de uma para outra expressão vibratória sem que a energia que a vitaliza dependa das circunstâncias transitórias em que se exterioriza.

Não estão, portanto, mortos, no sentido de destruídos, os que transitaram ao teu lado e se transferiram de domicílio.

Proseguem vivendo aqueles a quem amas. Aguarda um pouco, enquanto, orando, a prece te luarize a alma e os envolvas no rumo por onde seguem.

Não te imponhas mentalmente com altas doses de mágoas, com interrogações pressionantes, arrojando na direção deles os petardos vigorosos da tua incontida aflição.

Esforça-te por encontrar a resignação.

O amor vence, quando verdadeiro, qualquer distância e é ponte entre abismos, encurtando caminhos.

Da mesma forma que anelas por volver a senti-los, a falar-lhes, a ouvir-lhes, eles também o desejam.

Necessitam, porém, evoluir, quanto tu próprio.

Se te prendes a eles demoradamente ou os encarceras no egoísmo,

desejando continuar uma etapa que ora se encerrou, não os fruirás, porque estarão na retaguarda.

Libertando-os, eles prosseguirão contigo, preparar-te-ão o reencontro, aguardar-te-ão...

Faze-te, a teu turno, digno deles, da sua confiança, e unge-te de amor com que enriqueças outras vidas em memória deles, por afeição a eles.

Não penses mais em termos de “adeus” e, sim, em expressões de “até logo mais”.

*

Todos os homens na Terra são chamados a esse testemunho, o da temporária despedida. Considera, portanto, a imperiosa necessidade de pensar nessa injunção e deixa que a reflexão sobre a morte faça parte do teu programa de assuntos mentais, com que te armarás, desde já, para o retorno, ou para enfrentar em paz a partida dos teus amores...

Quanto àqueles que viste partir, de quem sofres saudades infinitas e impreenchíveis vazios no sentimento, entrega-os a Deus, confiando-os e confiando-te ao Pai, na certeza de que, se souberes abrir a alma à esperança e à fé, conseguirás senti-los, ouvi-los, deles haurindo a confortadora energia com que te fortalecerás até ao instante da união sem dor, sem sombra, sem separação pelos caminhos do tempo sem fim, no amanhã ditoso.

JOANNA DE ÂNGELIS

(Mensagem extraída do livro “Semente de Vida Eterna” – psicografia de Divaldo Pereira Franco – LEAE – Salvador – BA.)

Cintilações da Verdade

ROGÉRIO COELHO

“Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”. *Jesus*. (João, 8:32).

Se traçarmos uma linha reta desde Moisés até a NASA, vamos encontrar ao longo dessa linha imaginária, em todo o seu percurso, a ubíqua realidade das cintilações da Verdade!...

Deus sempre enviou à Terra homens e mulheres cuja missão era “acordar” a grande mole humana adormecida na ignorância, amolentada no comodismo, vitimada por ancilosante preguiça intelectual.

O surgimento, por exemplo, dos primeiros homens na Terra foi mostrado primeiramente por Moisés e ratificado o transcurso dos evos. Quando Moisés informou: “Um vapor subia da Terra e regava toda a Terra” (*Gênesis, 2:6*), ele estava simplesmente explicando o *modus operandi* de que se serviu a Providência para alocar na Terra os primeiros habitantes humanos.

O que Moisés denominou “vapor”, Emmanuel ¹, através da psicografia de Francisco C. Xavier, mais judiciosamente chamou de “protoplasma”, substância essa que veio do espaço e “regou” de Vida a Terra.

Em recentes pesquisas da NASA feitas em um “pó-biológico” encontrado em camadas geológicas muito antigas da Dinamarca por dois pesquisadores norte-americanos, Kevin Zahnle e David Grispoon, os cientistas concluíram que essas partículas foram carregadas do Espaço Cósmico pelos cometas. Elas eram suficientemente pequenas para atravessar a atmosfera terrestre sem se aquecerem, e eram ricas em carbono, hidrogênio e nitrogênio, que são os elementos que formam as moléculas dos seres vivos. Não fica muito difícil entender essa espécie de “polinização cósmica” se a compararmos com a que ocorre com as nossa plantas.

Allan Kardec ², que estava perfeitamente tranqüilo com relação à influência que os cometas exercem, já consignava esse fato em 1868, “por parecerem eles destinados a reabastecer os mundos (...) trazendo-lhes os princípios vitais que eles armazenam em sua corrida pelo espaço e com o se aproximarem dos sóis”.

Empédocles, Demócrito e Platão, filósofos de raciocínio extraordinários e que marcaram com indelévels e profundas ilações toda a história da filosofia européia, afirmavam que “tudo é formado a partir de uma forma eterna e imutável”. Já os pré-socráticos achavam que no ciclo na Natureza havia partículas mínimas, eternas e constantes, que não se desintegravam.

Na verdade, com nomes diferentes, em épocas variadas, todos estavam dizendo do que mais judiciosa e apropriadamente os Espíritos falaram a Allan Kardec: estavam fazendo menção ao Fluido Cósmico Universal.

A verdade cintilava, porém, não só na área científica como também na filosófica. É assim que temos em René Descartes o grande detonador da filosofia dos tempos novos.

Segundo Descartes, o conhecimento herdado da idade Média não era confiável e, após o Renascimento, quando a Humanidade começou a despertar de seu sono hibernar, ficou patente a necessidade de se reunirem os pensamentos contemporâneos num único e coerente “sistema filosófico”. O primeiro e grande “engenheiro” desse sistema foi o próprio Descartes e a ele se

seguiram Spinoza, Locke, Leibniz, Berkeley, Hume e Kant... Naturalmente entende-se por “sistema filosófico” uma filosofia de base, cujo objetivo é encontrar respostas para todas as questões filosóficas importantes.

Dentre os sucessores de Descartes, temos especial simpatia pelo espírito revolucionário e valente de Spinoza, filósofo holandês que viveu de 1632 a 1677. Ele pertencia à comunidade judaica de Amsterdam, mas em virtude de suas idéias “revolucionárias” foi excomungado por heresia. É o velho problema de quem “acorda” os que dormem. Expulsam-no para que se não lhes perturbem o sono...

Lembramo-nos aqui do “cego de nascença” que teve a visão devolvida por Jesus. Ele também foi expulso do Templo, porque a realidade de que era portador estava “acordando” os vaidosos sacerdotes, ferindo-lhes de morte a empáfia de que eram ciosos.

Por criticar a religião oficial, Spinoza comeu “o pão que o diabo amassou”: foi superlativamente humilhado, perseguido, chegando até mesmo a sofrer uma tentativa de assassinato.

Escrevendo sobre Spinoza, diz o escritor norueguês Jostein Gaarder: 3

“Ele achava que os dogmas rígidos e os rituais vazios eram as únicas coisas que ainda mantinham o cristianismo e o judaísmo vivos. Spinoza foi o primeiro a aplicar o (...) que chamamos de interpretação ‘histórico-crítica’ da Bíblia. (...)”

Spinoza contestava [com toda a razão, convenhamos] o fato de que cada palavra da Bíblia fosse inspirada por Deus. Ele dizia que quando lemos a Bíblia temos de ter em mente a época em que ela foi escrita. Esta leitura ‘crítica’ nos permite reconhecer uma série de contradições entre os diferentes livros e evangelhos. Sob a superfície do texto do Novo Testamento encontramos Jesus, que poderíamos chamar de porta-voz de Deus. Pois bem, os próprios ensinamentos de Jesus já significavam uma libertação da rigidez do judaísmo. Jesus anunciou uma ‘religião da razão’, para a qual o amor era o princípio maior. Nesse sentido, Spinoza está pensando tanto no amor a Deus quanto no amor aos nossos semelhantes. Só que o cristianismo também acabou enrijecendo, e rapidamente, em dogmas empedernidos e rituais vazios. (...)”

À medida que a coisa foi piorando, Spinoza foi abandonado até por seus próprios familiares que queriam deserdá-lo por causa de sua heresia. O paradoxo maior nisso tudo era o fato de que poucos haviam defendido a liberdade de opinião e a tolerância religiosa de forma tão enérgica quanto o próprio Spinoza. As muitas resistências que teve de vencer levaram-no finalmente a se recolher a uma vida discreta, modesta, totalmente dedicada à filosofia. Ele ganhava o pão polindo lentes ópticas. (...)”

O fato de ele viver de polir lentes ópticas tem um significado quase simbólico. É que a tarefa dos filósofos é justamente ajudar as pessoas a verem sua vida sob uma perspectiva. E fundamental para a filosofia de Spinoza é o desejo de enxergar as coisas da ‘perspectiva da eternidade’.

.....

Só quando Spinoza iguala Deus à Natureza, ou Deus à Sua criação é que ele se afasta consideravelmente de Descartes e também das concepções judaicas e cristãs.”

Em que pesem alguns sobrevãos pelos baixios da utopia, não falece dúvida de que Spinoza deixou transparecer, em muitas ocasiões, as aurifugentes cintilações da Verdade, mormente quando combatia a ancilosante ação dos dogmas, ferindo de morte a empáfia farisaica dos sacerdotes que trabalhavam na

vã tentativa de “engessar” o pensamento humano, limitando-o dentro das grossas e mofadas paredes dogmáticas.

Gaarder termina por dizer que:

“(…) às vezes a gente precisa de um martelo e de um cinzel para conseguir abrir caminho pela linguagem de Spinoza. Talvez nos sirva de consolo o fato de que no fim encontramos um pensamento que é tão brilhante e transparente quanto um diamante”(P.270).

Diamante esse cujo brilho outra coisa não é senão a verdade a irradiar-se exuberante.

Temos em Allan Kardec a cintilação maior depois de Jesus a oferecer-nos, indubitavelmente, o conhecimento da Verdade que liberta. Mas não podemos nos furtar a um assomo de contentamento íntimo quando as verdades apregoadas pelo Espiritismo, que revive os ensinamentos de Jesus, brotam até mesmo das retortas dos sofisticados laboratórios da NASA.

Realmente os tempos do grande sono terminaram e os que tentarem segurar a onda avassaladora do progresso serão levados de roldão, juntamente com a própria ignorância. ■

-
1. XAVIER, F. C. *A Caminho da Luz*, pelo Espírito Emmanuel, ed. FEB. Capítulo I.
 2. KARDEC A. *A Gênese*, ed. FEB. Capítulo IX, item 12.
 3. GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*. Companhia das Letras 1995. P. 266-267 e 269.

A Crucificação

Fita o Mestre, da cruz, a multidão fremente,
A negra multidão de seres que ainda ama.
Sobre tudo se estende o raio dessa chama,
Que lhe mana da luz do olhar clarividente.

Gritos e altercações! Jesus, amargamente,
Contempla a vastidão celeste que o reclama;
Sob os gládios da dor aspérrima, derrama
As lágrimas de fel do pranto mais ardente.

Soluça no silêncio. Alma doce e submissa,
E em vez de suplicar a Deus par a injustiça
O fogo destruidor em tormentos que arrasem,

Lança os marcos da luz na noite primitiva.
E clama para os Céus em prece compassiva:
“- Perdoai-lhes, meu Pai, não sabem o que fazem!...”

OLAVO BILAC

(Do livro “Parnaso de Além-Túmulo”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, p.399, 14 ed. FEB)

Ainda Sobre as Relações Entre as Ciências e o Espiritismo

AÉCIO PEREIRA CHAGAS

Parte I

Em um artigo anterior [1] tivemos oportunidade de externar nosso ponto de vista a respeito da questão se a Ciência confirma o Espiritismo ou não. Em poucas palavras afirmamos que recentes avanços nas ciências da matéria, em destaque a Física, vêm confirmar, para muitos confrades, os princípios básicos da Doutrina. Porém, a nosso ver isto não está propriamente acontecendo devido ao fato de as ciências da matéria cuidarem apenas da matéria, serem feitas para isto. Durante mais de um século tentou-se explicar a Química pela Física e não se conseguiu. Isto só foi possível quando se modificou a Física, através da Teoria Quântica. Atualmente está em curso uma outra modificação (estudo dos processos irreversíveis, flecha do tempo, evolução etc) para que se possa tentar explicar a Biologia em termos de Física. Em nossa opinião, os progressos feitos nas chamadas Ciências do Homem mostram-se mais convergentes com os fundamentos do Espiritismo, uma vez que ambos têm um objetivo comum, que é o ser humano, apesar do materialismo predominante entre os pesquisadores destas áreas. Neste artigo, dividido em duas partes, pretendemos alinhar alguns desses resultados, alguns dos quais recentes, que vêm confirmar o que nos ensina o Espiritismo com relação às origens das raças humanas (veja *O Livros dos Espíritos*, questões 52 e 54 e 689) [2]. Se todos somos espíritos, em diferentes níveis de evolução, mas em um mesmo patamar, característico de nosso mundo, reencarnando em diferentes corpos e em diferentes lugares, e se o espírito reencarnante preside a formação do corpo, dentro de um certo determinismo biológico, material, então as conclusões a que chegaram os cientistas que iremos citar só poderiam ser estas. Não há como ser diferente. A humanidade é uma unidade biológica. A língua é fundamentalmente um capacidade do espírito. A chamada supranormalidade, dependente do espírito e do corpo, deve ter também, as mesmas características básicas em todos os lugares.

Nesta primeira parte iremos comentar sobre as raças humanas e as linguagens humanas. Na segunda parte, sobre a supranormalidade, a evolução darwiniana e o materialismo dos cientistas.

1) As Raças Humanas

Recentemente, um grupo de cientistas apresentou uma conclusão bastante interessante: *do ponto de vista biológico, genético, a humanidade é uma só.*

Uma sinopse sobre este tema saiu na revista *Globo Ciência* (dezembro de 1977) [3] e um dossiê mais amplo, na revista francesa *La Recherche* (outubro de 1997) – “Aux Origines de la Diversité Humaine: La Science et la Notion de Race”[4] – onde se apresentam diversos pontos de vista sobre a origem da diversidade humana havendo no entanto uma convergência: a noção de “raça” não tem nenhuma base biológica, é uma noção cultural e não científica. As observadas diferenças entre as chamadas “raças humanas” (cor da pele, formato dos olhos,

do nariz etc.) são acessórias, dependendo de circunstâncias adaptativas, com o clima, os costumes etc. Afirmam os cientistas que há mais diversidade genética entre os indivíduos de um mesmo grupo (aparentemente homogêneo) que entre as médias de dois grupos quaisquer (aparentemente bem diversos). A noção de “raça” é uma noção do tipo “senso comum”, como a que diz que o Sol gira em torno da Terra (pois não é isto que vemos todos os dias?). Em *La Recherche*, J. Marks, professor de Antropologia da Universidade da Califórnia (Berkeley), propõe uma questão interessante: “*Se comparo mil ibos da Nigéria e mil dinamarqueses da Dinamarca, posso observar muitos tipos de diferenças entre os dois grupos. Por exemplo, uns terão a tez clara e outros a tez escura. Esta diferença de tez tem todas as chances de existir em 1900, 2000 ou 2100 [indivíduos]; ela é provavelmente genética de um ponto de vista etiológico. De um outro lado, um grupo fala ibo e outro, dinamarquês; esta diferença lingüística também se manifestará em 1900, 2000 ou 2100, e, conforme testemunham as gerações de imigrantes nigerianos da Dinamarca [que falam dinamarquês], ela não será provavelmente genética. Portanto, como podemos, a partir da observação de uma diferença, saber se ela é ou não fundamentalmente biológica?*”. Em outras palavras, para se saber se uma característica de um dado grupo humano é genética ou cultural, há necessidade de se experimentar, de se testar, não bastando a simples observação. Há características que pensamos se herdadas, mas que na realidade são transmitidas pela educação, pelos contatos com a família, com o meio. Em nosso país, isto é fácil de ser constatado nos filhos e netos de imigrantes, que perdem rapidamente muitas das características dos pais e dos avós, apesar de manterem a cor da pele, dos olhos etc. Muitas pessoas acreditam piamente que o caráter de uma pessoa é também herdado dos pais. O que podemos chamar de “caráter” é na realidade um conjunto de características psicológicas, sociais e biológicas e não é raro observarmos em uma família irmãos completamente diferentes do ponto de vista psicológico, apesar de terem um comportamento social semelhante e a “mesma cara”.

2) As Línguas Humanas

Nos estudos de Lingüística estão surgindo interessantes resultados referentes à semelhança das línguas e de sua “congenitude”. Há muito os lingüistas observaram um interessante fenômeno: as línguas *pidgins* apresentam praticamente a mesma gramática, a mesma estrutura sintática. [5]

Línguas *pidgins* são aquelas que se formam a partir de duas ou mais línguas, apresentando um vocabulário e uma gramática bem rudimentar, e que servem de língua comum para a comunicação de pessoas com línguas diferentes. O nome *pidgin* é de origem incerta e foi originalmente atribuído a uma língua que se estabeleceu no sudeste da Ásia derivado do inglês e de outros idiomas, que servia para o intercâmbio comercial na região, possivelmente a partir do século XVIII. O *pidgin* não é língua materna de ninguém, diferentemente das chamadas línguas *crioulas*, que passam de geração e amadurecem como línguas “verdadeiras”. O importante a destacar é a constatação que a enormidade de línguas *pidgins* que se formaram (e se formam) no mundo têm uma estrutura gramatical rudimentar, mas semelhante.

Recentemente, nosso confrade Carlos Bernardo Loureiro, em um interessante artigo *A Lingüística e a Palingenesia*, publicado em *Reformador* (fevereiro 1998) [6] nos trouxe esta questão dos idiomas, citando o notável lingüista norte-americano Noam Chomsky. Para este “a humanidade é homogênea em sua expressão lingüística, exatamente como o é em sua biologia.

Não resta a menor dúvida quanto ao fato de que todas as línguas podem ser aprendidas e também traduzidas em outras línguas”. “Não aprendemos nossa língua, ela é inata, inscrita em nossa biologia (...) Todas as línguas repousam de fato em uma única gramática universal, e a estrutura das línguas que o homem é capaz de falar é limitada”. “As crianças sabem falar como sabem ver ou como os pássaros sabem voar”. (citações segundo Loureiro). Loureiro cita também o Estruturalismo, escola antropológica que considera que todas as culturas, apesar de sua multiplicidade e diversidade, são constituídas pelos mesmos elementos. A preocupação de nosso confrade, em seu artigo, é mais com o materialismo dos pesquisadores citados e com certas afirmações “de efeito” dos mesmos. Entretanto, a nosso ver, o que gostaríamos de destacar são estes fenômenos, estes fatos, que podem ser perfeitamente interpretados de outro ponto de vista, como é comum na Ciência. Sobre o materialismo falaremos mais adiante, na segunda parte, sobre as afirmações “de efeito”, elas fazem parte do “marketing de sobrevivência” do pesquisador que sempre tem que lutar por verbas e salário. Na Ciência, como em qualquer outra atividade humana, há sempre uma minoria mais ruidosa que parece externar a opinião de toda uma coletividade.

Também recentemente, a conceituada revista inglesa *Nature* [7] publicou um interessante artigo de duas pesquisadoras norte-americanas, Susan Goldin-Meadow e Carolyn Mylander, sobre a comunicação de crianças surdas em culturas diferentes (chinesa e americana). Este artigo mereceu uma excelente reportagem na revista *Veja* [8]. As pesquisadoras observaram que crianças surdas-mudas (quatro americanas e quatro chinesas), que conversavam com suas mães por meio de gestos, apresentavam um mesmo padrão de comunicação, ou melhor de construção de frases por meio de gestos e sinais, independentemente se fossem chinesas ou americanas. Estas crianças (três a quatro anos) não haviam sido ainda submetidas a nenhum treinamento de comunicação, a não ser com suas mães (não surdas). Por outro lado, o padrão de comunicação das mães fugia completamente ao adotado pelas crianças. Esta constatação foi obtida através de situações provocadas igualmente em todas as crianças pelas suas mães, utilizando um conjunto padronizado de brinquedos, sendo filmadas e depois analisadas. Isto vem dar um belo reforço à tese de que a linguagem é inata, conforme a defende o acima citado Chomsky.

A propósito ainda de línguas, há um interessante debate atual com respeito às origens das línguas. Novamente a revista *La Recherche* publicou em fevereiro de 98 um dossiê, “*La quete de la langue originelle*” [9], e em abril o artigo “*Les indo-europeens, um mythe sur mesure*”, da autoria de Jean-Paul Demoule, professor de Arqueologia na Universidade de Paris-I [10]. Desde o século XVIII, os lingüistas têm observado semelhanças entre diversas línguas européias (o grego, as línguas latinas, célticas, germânicas, etc) e línguas asiáticas (Sânscrito, hindi, persa etc.), elaborando a hipótese de ter existido, em um passado longínquo, uma língua comum, da qual surgiram estas línguas (o chamado esquema genealógico ou arborescente). Se houve uma língua, deve ter também existido um povo que a falava, o povo indo-europeu. Demoule se contrapõe a esta tese afirmando ser ela um mito, uma vez que não há nenhum vestígio arqueológico da existência deste povo. Afirma ainda que a semelhança das línguas pode ser explicada por outros fatores e esquemas (o esquema de rede ou malha, onde um grupo afeta outro próximo e assim sucessivamente). O interessante é que, a nosso ver, ambos os lados, os favoráveis à tese do povo indo-europeu e os contrários, têm razão. Ambos os grupos apóiam-se nos dados que eles têm em mão. Vejamos agora o que diz o espírito Emmanuel, através da psicografia de Francisco C. Xavier, no Livro *A Caminho da Luz* [11], cap. VI, p.58, no item *A ausência e notícias históricas*:

“Caminheiros do desconhecido, erraram pelas planícies e montanhas desertas, não como o povo hebreu, que guardava a palavra divina com a sua fé, mas desarvorados e sem esperança, contando apenas com as próprias forças, em virtude do seu caráter livre e insubmisso”.

“Suas incursões, entre as tribos selvagens da Europa, datam de mais ou menos dez milênios antes da vinda do Cristo, não obstante a Humanidade localizar-lhe a marcha apenas quatro mil anos antes do grande acontecimento da Judéia. É que, em vista de sua situação psicológica, os primitivos árias do Velho Mundo não deixaram vestígios nos domínios da fé, único caminho, daqueles tempos, através do qual poderia uma raça assinalar sua passagem pela Terra. Não guardavam a história verbal de uma religião que não possuíam. (...)”

A ausência de preocupação religiosa nos faz pensar também que não enterravam os mortos, e os túmulos estão geralmente entre os principais achados arqueológicos.

Se os estudiosos da evolução do homem conhecessem um pouco de Espiritismo teriam muito a ganhar.

Há ainda mais um ponto que gostaríamos de acrescentar. Noam Chomsky esteve na Universidade de Brasília em novembro de 1996, onde pronunciou duas conferências que foram posteriormente publicadas em livro [12], do qual transcrevemos aqui um pequeno trecho:

Perguntado sobre a transmissão das línguas e de “noções tão fundamentais da lógica humana, como noções espaciais e temporais, que variam de uma cultura para outra” [destaque nosso], Chomsky respondeu:

“Quanto à idéia de que há conceitos espaciais e temporais muito diferentes nas diferentes culturas, isto é muito duvidoso. Parece que as línguas são muito diferentes também, até que se comece a entendê-las. E então você vê que elas são todas basicamente a mesma coisa, quanto mais você entende sobre noções espaço-temporais, mais elas parecem basicamente a mesma coisa. Por exemplo, muitos lingüistas e antropólogos acreditavam, cerca de quarenta anos atrás, que as noções temporais variam muito amplamente em diferentes culturas. Isto é parte do que foi chamado a hipótese de Whorf. A idéia de Whorf era a de que os falantes das línguas indo-européias – digamos inglês – pensam no tempo como um tipo de linha na qual estou de pé num ponto específico e estou olhando em direção ao futuro, e, olhando para trás, por cima do ombro, em direção ao passado. E esse é de fato o modo como eu penso o tempo, e, estou certo, o modo como você pensa o tempo. Acreditava-se que em outras sociedades – Whorf deu o exemplo de uma sociedade indígena do Sudoeste da América do Norte, Hopi – o tempo era concebido de um modo muito diferente. Ele não sabia nada sobre o pensamento. Quando as pessoas tentaram investigar o pensamento, pareceu ser basicamente o mesmo que o nosso. O que não é muito surpreendente, porque, mesmo no caso em contraste, especificamente o inglês, não se encontra o sistema de tempo que Whorf pensava que era exigido para se estabelecer a noção de linha. O inglês não tem passado, presente e futuro. Esse não é o modo como o tempo semântico é determinado em inglês. Se você examina o inglês do modo como examinamos o hopi, você poderia dizer que tem passado e não-passado. Não tem futuro, só tem um conjunto de conceitos modais, como “shall” e “must”, “can” e “will”, que têm propriedades complicadas, mas não futuro. Assim se você adotasse a abordagem whorfiana para analisar o inglês, você prediria que não penso no tempo do modo como realmente penso no tempo. Esses são problemas sérios, quando você descreve fenômenos na superfície, eles sempre parecem muito diferentes. Quando você começa a entendê-los, você freqüentemente descobre que eles não são muito diferentes. E

você sabe de antemão que isso tem que ser assim nas áreas que estamos discutindo agora. Não há outro modo de as pessoas, de uma criança, adquirir, sem evidência, sistemas muito complexos de organização do pensamento. E uma criança simplesmente não tem a evidência. A vida é curta demais. Sabemos agora, a partir de experimentos com crianças bem pequenas, que os conceitos básicos de espaço e tempo estão lá muito cedo, muito antes de a criança poder falar ou dar qualquer indicação de como está pensando. E, na medida em que isto é verdadeiro, eles são uniformes para todas as culturas. Assim, tem-se de ser muito cauteloso sobre isso. Meu palpite é que a transmissão social das línguas é provavelmente como as interações com os outros sistemas”.

Como se pode notar, esta interessante declaração de Chomsky diz que, no fundo, pensamos do mesmo modo, apesar das aparências em contrário. Continuaremos na parte II. ■

Notas e Referências Bibliográficas:

Parte I

[1] CHAGAS, A. P., “A Ciência confirma o Espiritismo?” *Reformador*, junho 1995, p.208. Ver também Ademir L. Xavier Jr., “Algumas considerações oportunas sobre a relação Espiritismo-Ciência”, *Reformador*, julho 1995, p.244.

[2] KARDEC, Allan, “O Livro dos Espíritos”, Edição FEB.

[3] “Genética: O Fim das Raças”, *Globo Ciência*, dezembro de 1997, p. 30-34.

[4] “Aux Origines de la Diversité Humaine: La Science et la notion de Race”, (dossier); *La Recherche*, outubro de 1997, p. 55-89.

[5] Ver, por exemplo, Störig, Hans Joachim; “A Aventura das Línguas”, Edição Melhoramentos, São Paulo, 1993.

[6] LOUREIRO, Carlos Bernardo; “A Lingüística e a Palingenesia”, *Reformador*, fevereiro 1998, p. 37.

[7] GOLDIN-Meadown, Susane; Myulander, Carolyn; *Nature*, vl. 391, p. 279, 15/jan/98.

[8] LUZ, Sergio Ruiz, “Pronta Para Usar”; *Veja*, ed. 1530, p.62, 21/jan/98.

[9] “La quete de la langue originelle” (dossier); *La Recherche*, fevereiro de 1998, p.67.

[10] DEMOULE Jean-Paul; “Les indo-europeens, um mythe sur mesure”; *La Recherche*; abril de 1998, p.40.

[11] XAVIER, Francisco C.; Emmanuel (Espírito); “A Caminho da Luz”, Dep. Edit. FEB, Rio de janeiro, 1938.

[12] CHOMSKY, Noam; *Linguagem e Mente*; trad. Lúcia Lobato; Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

REFORMADOR

A coleção completa, com índice alfabético das matérias, de REFORMADOR de 1998, título em gravação dourada, está à venda na Livraria da FEB, na Avenida Passos, 30, Rio de Janeiro-RJ.

Os interessados não-residentes no Rio de Janeiro poderão solicitar o seu exemplar na Rua Souza Valente, 17 - CEP 20941-040 – Rio de Janeiro-RJ.

Algumas coleções de anos anteriores igualmente estão à venda.

Vendas Através de Bazar

Incidência do ICMS

1. Realizadas pelos Centros Espíritas

As vendas de mercadorias (utensílios, peças, roupas novas ou usadas, etc.) realizadas ou contabilizadas através de Bazar interno ou externo, mesmo de fabricação própria, promovidas pelas Instituições Espíritas, poderão ser oneradas pelo ICMS – imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação – caso seja constatadas pelo Fisco Estadual.

A Constituição da República Federativa do Brasil, de outubro de 1988, alínea “b”, inciso VI, do artigo 150, combinado com o # 4^o, *veta a cobrança de impostos dos templos de qualquer culto, sobre o patrimônio, a renda e os serviços relacionados com suas finalidades essenciais.*(Grifos nossos).

Sabemos que toda a renda obtida durante os Bazares Beneficentes são aplicadas integralmente na manutenção das atividades básicas das instituições Espíritas.

Entretanto, o Fisco Estadual poderá entender que a Entidade Espírita estaria realizando atividade diferente de suas finalidades, considerando as vendas de Bazar como uma atividade comercial (venda de mercadorias), com fins lucrativos.

2. Realizadas pelas Instituições de Assistência Social e de Educação.

Os Estados, ficam autorizados a conceder isenção do ICM (hoje ICMS) às vendas a varejo, de mercadorias de produção própria (pelos assistidos ou pelos funcionários da Entidade), promovidas por Instituições de Assistência Social e de Educação, sem finalidade lucrativa e cujas rendas líquidas sejam integralmente aplicadas na manutenção de suas finalidades assistenciais ou educacionais, no país, sem distribuição de qualquer parcela, a título de lucro ou participação, e cujas vendas, no ano anterior, não tenham ultrapassado o equivalente ao limite estabelecido pelo respectivo Estado para isenção das microempresas. Base Legal: Cláusula Primeira do Convênio ICM número 38/83 – DOU – 23-1-83 – Ato Cotepe ICM número 10, de 31-12-82.

OBS: Instituições de Assistência Social são aquelas que preenchem todos os requisitos conforme mencionadas nas páginas 118-121 do Manual da Administração das Instituições Espíritas – CFN/FEB – 6^a edição – Dezembro/97 – Editado pela USEERJ. ■

(Do Departamento Fiscal-Contábil da USEERJ – União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro).

A FEB na IX Bienal do Livro

No período de 20 de abril a 2 de maio de corrente ano, ocorrerá a IX Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro. Como vem acontecendo desde 1991, a Federação Espírita Brasileira estará presente, tendo como objetivo básico a divulgação do Livro Espírita.

Ocupando um *Stand* de 75m², contará, com tem acontecido nas Bienais anteriores, com as equipes do Grupo Espírita Fabiano e da FEB.

Novos lançamentos e reedições de livros estão programados, com destaque para a coleção “Do ABC ao Infinito”, de autoria de José Náufel, bem como “Das Profecias à Premonição”, de Carlos Bernardo Loureiro, “Espiritismo, uma Nova Era”, de Richard Simonetti, e o romance “Marieta”, psicografado por Daniel Suárez Artazu.

Promover e divulgar o Livro Espírita é tarefa de todos nós e a Federação Espírita Brasileira, como vem fazendo há mais de um século, levará a mensagem consoladora, libertadora e esclarecedora da Doutrina Espírita a mais de um milhão de visitantes que estarão no Riocentro. ■

Seara Espírita

CASCAVEL (PR): SEMANA DA CULTURA

No período de 26 de abril corrente a 2 de maio, a Federação Espírita do Paraná promoverá, através da 10ª União Regional Espírita, a 1ª Semana da Cultura de Cascavel, de cuja programação diária constam palestras, acesso à Internet, espetáculos teatrais e uma biblioteca com salas para leitura e pesquisas. O evento é apoiado pela Prefeitura de Cascavel, através da Secretaria de Cultura.

*

CAMPO GRANDE (MS): JORNADA DE TRABALHADORES ESPÍRITAS

A Federação Espírita de Mato Grosso do Sul promoveu em sua sede, por intermédio da União Regional Espírita de Campo Grande, a 3ª Jornada Regional de Trabalhadores Espíritos, nos dias 13 e 14 de fevereiro, com o apoio do Instituto de Cultura Espírita de Mato Grosso do Sul (ADEMS), da Cruzada dos Militares Espíritos e de Centros Espíritos. Foi abordado o tema “Evangelização Rumo ao Terceiro Milênio – Evangelizar, uma tarefa de todos”, participando como expositores: da FEB, Cecília Rocha, Nestor João Masotti, Rute Ribeiro e Maria Euny Herrera Masotti; de Campo Grande: Maria Túlia Bertoni, Irany F. de Almeida e Maria Clara.

*

GOIÁS: ENCONTRO ESPÍRITA

O Conselho Regional Espírita da 12ª Região, órgão da Federação Espírita do Estado de Goiás, realizou, de 13 a 16 de fevereiro passado, com o apoio daquela Federativa e de várias Casas Espíritas da Capital. O Encontro Espírita Regional, no auditório do Centro de Cultura e Convenções de Goiânia. O tema central – “Espiritismo: Educação Integral do Ser” – foi desenvolvido em 40 conferências, sendo a de abertura proferida por Heloisa Pires (SP) e a de encerramento por Divaldo Pereira Franco (BA). Durante o evento, ocorreu o Encontro de Divulgadores Espíritos e, a cargo de Divaldo, o Seminário “Amor, Imbatível Amor”.

*

BOLÍVIA: ENCONTRO ESPÍRITA BOLIVIANO

Coordenado pelo *Hogar Espiritual Martin de Porres*, foi promovido em Santa Cruz de La Sierra, de 12 a 13 de março, o Primeiro Encontro Espírita Boliviano, com o tema central – “Espiritismo e Atualidade”, Foram selecionados os temas “Organização do Centro Espírita”, “Estudos e trabalhos mediúnicos no Centro Espírita”, “Infância e Juventude” e “Unificação do Movimento Espírita”, além das conferências públicas “Imortalidade da Alma e Comunicação Espiritual”, “Espiritismo e Atualidade” e “Reencarnação e Família”. Participaram os expositores brasileiros Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira, Marlene Rossi Severino Nobre, Nestor João Masotti e Miguel de Jesus Sardano.

*

USE-SP: ATIVIDADES NA SEDE EM 1999

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) preparou extenso calendário de atividades para o corrente ano, que serão desenvolvidas em sua sede (Rua Leopoldo Couto de Magalhães Jr., 695, Itaim Bibi, 04542-011 São Paulo-SP), através de conferências públicas aos domingos pela manhã, 20 cursos, 27 seminários, 3 fóruns e outros eventos. As atividades tiveram início nos dias 6 e 7 de fevereiro, com o Curso de Preparação de Evangelizadores da Infância e a conferência do Presidente da USE, Antonio Cesar Perri de Carvalho, sobre “Espiritismo e Modernidade”.

*

ANGOLA: PROJETO EDUCACIONAL

A Sociedade Espirita Allan Kardec de Angola, com sede temporária na rua Amilcar Cabral n.º 29, 4.º B, em Luanda, tem por objeto o estudo e a prática do Espiritismo nos seus três aspectos, com base na codificação de Allan Kardec, assim como prestar assistência aos necessitados, conforme ensina o Evangelho do Cristo. No cumprimento do seu objetivo, pretende dar assistência em caráter permanente a 1.000 crianças desamparadas e, para tanto, elaborou o *Projeto Educacional*, que consiste na construção e montagem da CASA DE CAMINHO ANDRÉ LUIS, no município de Viana, Luanda, com propósito de oferecer às crianças assistidas “uma família, uma casa lar dentro de um todo, em que uma ‘Mãe-social’ ficará com 10 crianças”. O Projeto é coordenado pela confeira Amelia Carlos Cazalma, que pede o apoio dos espíritas de outros países para esse empreendimento.

*

CONGRESSO DE PSICOLOGIA

Realiza-se em São Paulo (SP), nos dias 3 e 4 deste mês, o I Congresso Brasileiro de Psicologia e Espiritismo, no Centro de Convenções Anhembi – Auditório Elis Regina e anexos. O tema central “Psicologia e Fé” foi desdobrado em cursos e *workshop* para profissionais da área da saúde e colaboradores de Instituições Espíritas. A promoção é da ABRAPE – Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas.

*

ARGENTINA: INSTITUIÇÃO ESPÍRITA CENTENÁRIA

Comemorando seu 100.º aniversário de fundação, a Asociación Providencia de Cultura Cristiana (15 de Noviembre, 1490, Buenos Aires, 1130 – Argentina) realizou uma festa de confraternização no dia 7 de fevereiro deste ano. A *Asociación* sempre se destacou na promoção do estudo e difusão do Espiritismo e edita a revista Cristianismo, que alcança vários outros países do vasto mundo da língua espanhola. (SEI)